

CARTA DO
LÍBANO

**ASSAD
ABDALLA**
O EMPRESÁRIO
QUE INVESTIA NA
HUMANIDADE

A escola de Samba
Império de Casa
Verde elegeu como
enredo para seu
desfile de 2020:
Marhaba Lubnã

CIDA CARAN

**MADAME
HIGH
SOCIETY**

A GRANDE DAMA DO COLUNISMO

Campos do Jordão - SP

à 200 km de SP



HOTEL NACIONAL INN

reservas@nacionalinncampos.com.br

RESERVAS: (12) 3663.3887 - 3663.3577

Rua Joaquim Pinto Seabra, 208
Vila Everest - Campos do Jordão/SP

FAÇA SUA RESERVA DIRETO COM O HOTEL E GARANTA PREÇOS ESPECIAIS

Poços de Caldas - MG

à 250 Km de SP

HOTEL + PISCINAS + PARQUE
AQUECIDAS + WALTER WORD



ALL INCLUSIVE

comercial@thww.com.br
+55 (35) 2101-8080

Av. Vereador Edmundo Cardillo, 3131
Jardim Del Rey



www.nacionalinn.com.br



UMA PUBLICAÇÃO
DA EDITORA NAIME

EDITOR E JORNALISTA RESPONSÁVEL
FOUAD NAIME
MTB 79126/SP

PROJETO GRÁFICO E DIREÇÃO DE ARTE
DUSHKA E MAYU TANAKA - ESTUDIO29.COM

EDIÇÃO
MARIO MENDES
TATIANA CASSER CSORDAS

FOTOS
REUTERS

TRATAMENTO DE IMAGENS
ADIEL NUNES

ASSINATURA ANUAL R\$ 400,00

DISTRIBUIÇÃO NACIONAL

OBSERVAÇÃO AS MATÉRIAS ASSINADAS SÃO
DE RESPONSABILIDADE DE SEUS AUTORES

E-MAIL CONTATO@CARTADOLIBANO.COM.BR

FONE 11 3214.3977

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA
RUA DA CONSOLAÇÃO, 323 - CJ. 908
SÃO PAULO/SP - CEP: 01301-000



NOSSA CAPA
CIDA CARAN

FOTO
GUILHERME BAFFI

EDITORIAL

UMA FESTA PARA O LEITOR

Esta edição de Carta do Líbano chega particularmente movimentada. A começar por um encontro rápido, porém intenso, com Cida Caran a colunista mais respeitada, lida e seguida em São José do Rio Preto e na região do Noroeste paulista. Sem falar que ela está completando 41 anos de crônica da mondanité, showbiz e política.

Movimento também é o que não falta à biografia de Nicolau Choeri, "O Turco Que Não Queria Ser Mascate", grande homenagem a esse notável personagem escrita por seu filho, o professor Wilson Choeri. Uma vida repleta de aventuras, acontecimentos históricos, trabalho e, claro, romance.

Em registro mais discreto, porém não menos pujante, acompanhe a trajetória do empreendedor Assad Abdalla, imigrante que fez fortuna no Brasil na virada dos séculos 19 e 20, marcando para sempre a história da cidade de São Paulo e unindo suas duas pátrias: Síria e Brasil.

Outro personagem que merece ser melhor conhecido é Alfredo Nasser, advogado, jornalista e político de destaque tanto na vida de seu estado, Goiás - onde chegou menino, com sua família de imigrantes - como durante a Era Vargas até o início do Regime Militar. E sempre na oposição.

Por falar em política, a Academia Paulista de Letras, recebeu personalidades da intelectualidade e do poder em um jantar homenagem ao governador de São Paulo, João Doria.

Enquanto isso, no Líbano, o tenor italiano Andrea Bocelli foi a grande atração do Festival Internacional do Cedro que este ano teve como tema a luta do povo libanês pelos Direitos Humanos. Bocelli plantou uma árvore e recebeu homenagem de autoridades políticas do país.

E se depender da Escola de Samba Império de Casa Verde, já é Carnaval. Para seu desfile de 2020 no Sambódromo paulistano, a tradicional escola elegeu o enredo "Marahba Lubnân", uma elegia aos sete mil anos de história e cultura do "país dos cedros milenares" e sua ligação de amizade e colaboração com o "país do samba no pé".



FOUAD NAIME
EDITOR

FOTO: MARTA SANTOS

@cartadolibano

@cartadolibano

SUMÁRIO

CARTA DO
LÍBANO

ANO 25 • NÚMERO 171 • 07&08.2019

8 | Perfil

Assad Abdalla, o empresário que investia na Humanidade



08

16 | Capa

Cida Caran, a “grande dama do colunismo”, como é conhecida no noroeste paulista



16

24 | Saga Libanesa

Em intensos 59 anos, Nicolau Choeri, o “turco” que não queria ser mascate, viveu o que hoje renderia uma movimentada série. Episódios que ele narrava com gosto e foram ouvidos pelo filho, Wilson Choeri, que os transformou em livro



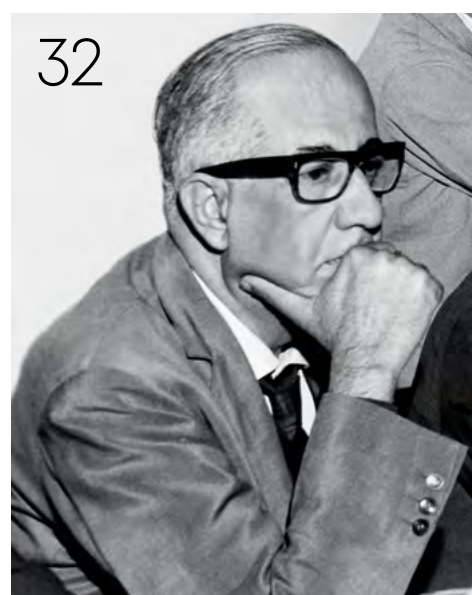
60

32 | Saga Libanesa

Alfredo Nasser, político apaixonado, engajado e militante na luta pela causa democrática, Ele nunca esmoreceu, mesmo diante dos revezes da vida. Hoje, seu legado é uma história de caráter e conquista



54



32

40 | Artigo

O cardiologista Edmo Atique Gabriel escreve: fique de olho na alimentação

50 | Sociedade

Crônicas de uma vida inteira

42 | Sociedade

Políticos, intelectuais e artistas deram o tom no jantar oferecido ao governador de São Paulo, João Doria, pela Academia Paulista de Letras

52 | Sociedade

Charme, elegância e empoderamento

46 | Sociedade

A história da brasileira, de origem italiana, que se apaixonou pelas fragrâncias do Oriente e hoje é a responsável pela Al Zahra, que traz perfumes e outros luxuosos encantos para o Brasil

58 | Cultura

Andrea Bucelli, uma voz pelo Líbano

60 | Artigo

Albino Castro escreve sobre Lawrence da Arábia



46



O LÍBANO É NOSSA PÁTRIA

Dupla Cidadania – acesse: libano.gov.lb/

CARTAS

Boa tarde Fouad,
“*Tem sido sempre um grande prazer receber sua revista e alimentar minha imaginação e meu coração com as excelentes reportagens, mas fiquei especialmente encantada com a de número 169.*”

Cheguei a me emocionar com as histórias de superação de Salim Maroun, do nosso querido ex-ministro do STF Francisco Rezek e de Amyr Klink! Tenho muito respeito e admiração pelo espírito empreendedor desse povo maravilhoso. Vi um pouco da história de meu pai nas reportagens. Ele era comerciante numa pequena cidade do sul das Minas Gerais e era meu herói. Tenho orgulho de ser descendente desse legítimo filho do Líbano, que tinha na família seu principal motivo de realização, dedicação e amor. Gratidão. Abraço.

Zilda Youssef Murad
Lavras, MG



Quero ser grata
“*À toda equipe de colaboradores da revista Carta do Líbano, coordenados pelo jornalista Fouad Naime, por trazer em cada edição um pedaço dessa história da imigração libanesa. E de nos proporcionar o fortalecimento de elos afetivos com nossos antepassados, lembrando que “quem não sabe de onde veio, tampouco sabe e saberá para onde vai”. Abraço fraterno,*”

Nágila Ibrahim el-Kadi
Professora de sociologia e pesquisadora PUC-Go
Doutora em Sociologia UFG
Goiânia, GO



Nossa missão é resgatar nossa história, promover nossa cultura e valorizar nossa gente. Contribua com este trabalho assinando ou presenteando com uma assinatura anual da revista Carta do Líbano. Agradecemos sua colaboração

NOME

E-MAIL TEL.

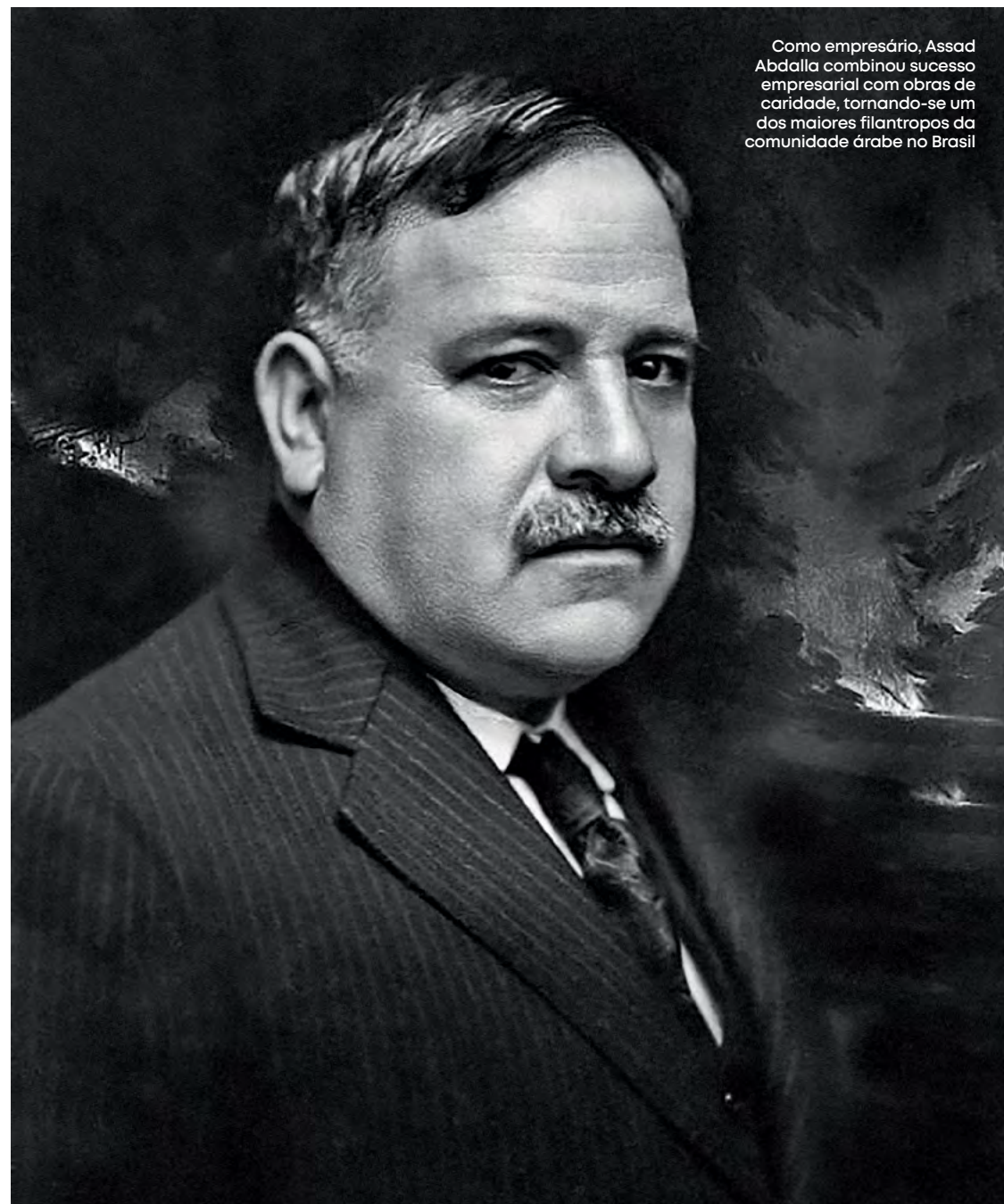
ENDEREÇO

CEP CIDADE ESTADO



Para tornar-se assinante, preencha a ficha acima e envie para a nossa sede
Rua da Consolação, 323, conj. 908 - Cep: 01301-000 – São Paulo/SP
ou para o nosso endereço eletrônico contato@cartadolibano.com.br

ASSINATURA ANUAL NO BRASIL R\$ 400 | ASSINATURA ANUAL NO EXTERIOR U\$500
DADOS PARA DEPÓSITO BANCO BRADESCO · AGÊNCIA 95 · CONTA CORRENTE 21114-1



Como empresário, Assad Abdalla combinou sucesso empresarial com obras de caridade, tornando-se um dos maiores filantropos da comunidade árabe no Brasil

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Assad Abdalla

O EMPRESÁRIO QUE INVESTIA NA HUMANIDADE

Ele unia o vigor econômico nos negócios a uma vocação férrea para auxiliar o próximo. Ao lado da mulher, Curgie Abdalla, marcou com trabalho e generosidade sua trajetória entre duas pátrias, a Síria e o Brasil

“**A**s origens do desenvolvimento do Brasil - em especial da capital paulista - da comunidade ortodoxa e da evolução da cidade de Homs, na Síria, possuem um nome em comum: Assad Abdalla Haddad. Para recontar sua história e celebrar seu legado, Carta do Líbano resgata o relato de sua biografia, escrita pelo professor de letras Jorge Haddad Debs e Chaquer Al, traduzida para o português por Zaki Khawali e Isabel Haiek Khawali, com coordenação e texto final de Adel Auada e publicada pela Edicon.

Um dos principais personagens da história que une Síria e Brasil, Assad Abdalla Haddad foi dos mais prósperos empresários do País e um dos mais solidários. Filho de Abdalla Haddad e Sahra Salem, nasceu em 26 de março de 1870, na cidade de Homs, Síria. Quinto filho entre seis irmãos, Assad Abdalla Haddad desde jovem assumiu grande responsabilidade para com seus pais e sua irmã caçula, Assma.

Passou a infância às margens do rio Assi (Orontes). No entanto, a cidade enfrentava na época o pesado poderio turco e a educação era algo restrito. Por isso Assad não teve a oportunidade de completar os estudos, o que acabou sendo decisivo para que, mais tarde, proporcionasse a melhor educação para seus filhos e fosse o principal tema nas obras sociais que realizou, financiando orfanatos, escolas e universidades.

Reconhecido por sua inteligência, rapidez de raciocínio, memória invejável e determinação, desde cedo Assad demonstrou aptidão para a arquitetura e a construção. Embora sem formação especializada, foi convidado pela prefeitura de Homs para trabalhar com planejamento e urbanização das ruas e vias públicas da cidade. Tendo trabalhado também no ramo da tecelagem.

Porém, ele enfrentou dificuldades para receber como empreiteiro, e o Novo Mundo o fascinava. Decidiu então imigrar para a América, apesar de na época a imigração ser proibida na Síria, e seu patrão, o prefeito de Homs, não concordava em abrir mão do competente funcionário. Quando

estava prestes a embarcar para a grande viagem, foi interpelado sobre qual era o seu destino. Assad, respondeu: “Egito”.

Na verdade, o destino era outro. E ele chegou a São Paulo em 15 de dezembro de 1895. Como imigrante, acabou seguindo caminho semelhante ao de tantos outros. Ou seja, tornou-se mascate. “Prosseguiu, viajando e se dirigindo a locais mais afastados para vender o que carregava de tecidos e mercadorias, circulava pelas ruas da Penha, Santana e seus arredores, andando a pé com o intuito de economizar a passagem de bonde”, descreve o livro “Assad Abdalla – Sua Obra e Sua Vida”. Naquele tempo, dormia em quartos simples, dividindo o aluguel com colegas.

O talento para o comércio fez com que os negócios prosperassem e em 1896, apenas um ano depois da chegada ao Brasil, Assad e os sócios Nagib Salem, Hagi Haddad e Salim Salomão compraram dois pontos comerciais, uma loja na Rua 25 de Março e outra na Rua General Carneiro, em São Paulo. A 25 de Março era então considerada periferia da cidade, com seus prédios simples, onde os “caxi” - como chamavam os mascates - se abasteciam de mercadorias para vender de porta em porta. A rua hoje é uma das mais ativas e vibrantes do comércio sírio, com grandes prédios e armazéns para vendas por atacado e varejo.

A sociedade, fundada em 1896, durou seis anos. Depois, a partir de 1902, permaneceram Assad Abdalla e o filho de Nagib Salem, em uma parceria que durou até 1932, com espetacular sucesso. Além disso, Assad também se dedicou à compra de terrenos, projetando e construindo casas e armazéns comerciais, imóveis que se tornaram fontes de muita renda para os dois sócios.

UM MILHÃO DE METROS QUADRADOS

Durante esse período, um episódio foi determinante na criatividade e no espírito empreendedor de Assad. Uma de suas lojas, a da General Carneiro, havia desabado. Espalhou-se então o boato de que o empresário estaria liquidado devido ao enorme prejuízo. Foi quando lhe ocorreu uma ideia. Acreditava-se que ele perdera toda a mercadoria sob os escombros do desabamento, o que não era verdade. Ele então

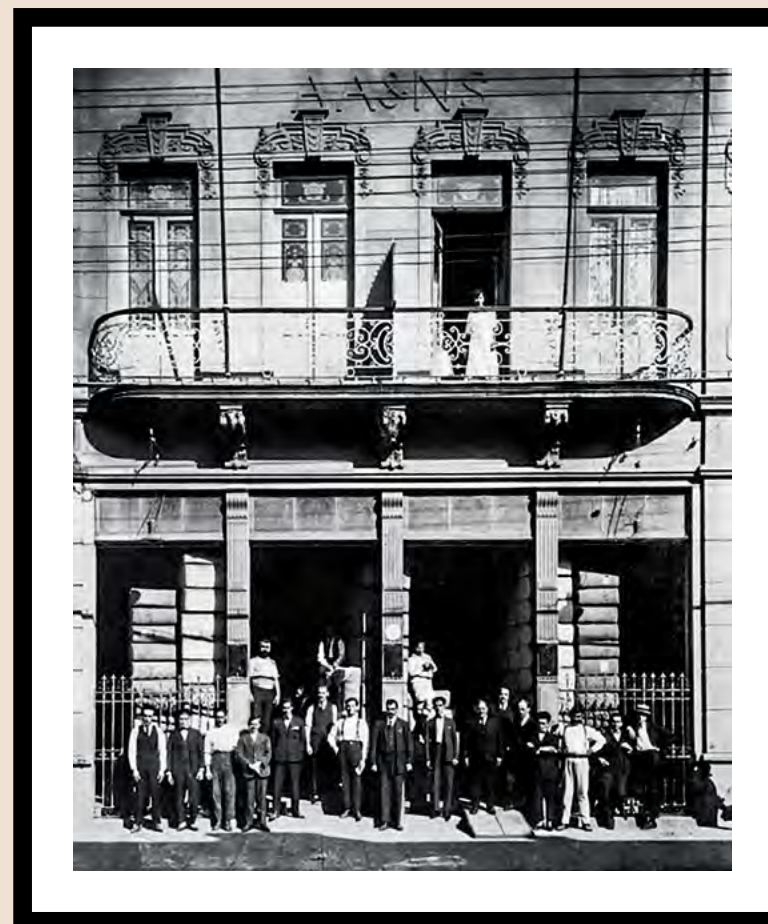
Para vender o que carregava de tecidos e mercadorias, circulava pelas ruas da Penha, Santana e seus arredores, andando a pé com o intuito de economizar a passagem de bonde

transferiu os produtos para outro armazém, arrumando-os de forma desordenada, como se fossem mercadoria de saldo, em oferta, mas manteve os preços originais. Resultado: escoamento rápido e resultados significativos.

Ele transformava dinheiro em mais dinheiro, sempre reinvestindo parte dos lucros. Através dessa estratégia, acabou fechando um dos maiores negócios da história de São Paulo. Em 1912 comprou, na periferia de São Paulo - onde hoje é a região do Tatuapé - um milhão de metros quadrados que se estendem da rua Celso Garcia até o rio Tietê. Era uma região selvagem, abandonada e longe de qualquer habitação.

Esse imenso terreno estava cerca de cinco quilômetros a leste do centro da cidade. Assad traçou e dividiu a terra em diversas ruas transversais e paralelas à rua Celso Garcia: rua Síria, Santo Elias, Santa Eliana, São Felipe, São Jorge e Santa Virgínia (em homenagem à sua esposa, Curgie), todas terminando no rio Tietê. Fez com que a linha de bonde passasse perto do local, indo até o final da rua São Jorge. Na região havia uma quadra destinada a esportes e um extenso parque para passeios e lazer. A princípio, Assad considerou oferecer o espaço ao Esporte Clube Sírio, que declinou da oferta, e o campo acabou sendo adotado por um famoso time de futebol da cidade, o Esporte Clube Corinthians.

Outro episódio que destaca a veia empreendedora de Assad foi quando ele modificou seu sistema de vendas. Enquanto a maioria dos



No sentido horário: dona Curgie Abdalla, a empresa AA&NS (Assad Abdalla e Nagib Salem), o casamento de Assad Abdalla e Curgie em 1903 e a entrega do novo automóvel Lincoln, pelo presidente da Ford do Brasil, ao casal Assad e Curgie, em frente à residência do casal

comerciantes utilizava o sistema de conta-corrente (a prazo, nas famosas cadernetas), ele implantou em suas lojas a venda à vista. Assim, poderia oferecer preços mais em conta e ficava longe dos riscos provocados pela crise e pela inadimplência. A ideia acabou sendo adotada por outros comerciantes.

Mas seus empreendimentos foram além do comércio. Em 1936 comprou uma fábrica de fiação e tecelagem em Salto de Itu, no interior paulista. Em 1940 fundou outra empresa do mesmo segmento, a Indústria Santa Virgínia de Fiação e Tecelagem, na capital. Mais tarde, em 1946, adquiriu em Niterói, no Rio de Janeiro, grandes indústrias conhecidas como Manufatura Fluminense. Apenas na fábrica de São Paulo, chegou a ter 600 funcionários. A empresa de Niterói contava com 1.500 operários, 35 mil fiandeiras e 800 máquinas de tecelagem. Na fábrica, operações de tingimento, tecelagem, estamparia e passagem eram realizadas por máquinas gigantescas.

Era então evidente a preocupação de Assad com a qualidade de vida de quem trabalhava em suas indústrias. Muito antes da implantação dos direitos trabalhistas no Brasil, os funcionários dele já recebiam assistência médica especial. Na fábrica, havia um campo para a prática de esportes, um local para projeção de filmes e até casas para moradia.

“O HOMEM INTELIGENTE VALORIZA SEU TEMPO”

Embora totalmente integrado e bem-sucedido no Brasil, Assad nunca abandonou sua pátria de origem, a Síria. “Nosso passado é nobre e honesto, o que caracteriza nosso povo. Se nos unirmos sob a bandeira da Pátria, poderemos resgatar esse passado honrado, pois possuímos todos os elementos da força, faltando apenas mais união”, costumava dizer.

Conhecido como adepto e criador de máximas e provérbios (leia no box “A sabedoria das palavras”), Assad pontificava: “O homem inteligente é aquele que valoriza seu tempo, enquanto o ignorante o desperdiça, sem lhe conhecer o valor, gastando-o em diversões”.

Temente e grato a Deus, ele concluiu que tudo o que recebeu vinha Dele e fazia questão de retribuir

Temente e grato a Deus, Assad Abdalla concluiu que tudo o que recebeu vinha Dele e fazia questão de retribuir praticando a caridade e a doação

praticando a caridade e a doação. “Deus me deu muito e tenho certeza, acredito firmemente, que o que Lhe dou em troca, como retribuição, é ainda muito pouco, portanto não poupo esforços no sentido de terminar sua casa, fazendo tudo que puder nesse sentido”, declarava.

Por trás de um grande homem há sempre uma grande mulher. E Curgie Haddad não só era inspiração e apoio para suas ações benemerentes, como foi responsável por dar continuidade e expandir sua obra depois da morte do marido. Casaram-se em uma grande festa, em 15 de fevereiro de 1903. Ela, descendente das famílias Haddad e Gassanie. Tiveram dez filhos: Nabih, Nabiha, Wagih, Wagiha, Malvina, Josefina, Rosinha, Helena, Ernesto e Odete. Entre seus descendentes, registrou ainda 21 netos e três bisnetos.

Para Assad, trabalho e estudo eram os bens mais preciosos. Por isso, mesmo não tendo tido acesso aos estudos, proporcionou os melhores colégios e faculdades para seus filhos. Quatro deles - Nabih, Wagih, Nabiha e Wagiha - estudaram em Londres e Manchester. “Deixar como herança para seus filhos a riqueza do saber é bem melhor do que lhes deixar a fortuna do dinheiro”, era um dos provérbios criados por ele.

Como pai, ensinou o filhos a equilibrarem lazer e trabalho, permitindo que fossem ao cinema uma vez por semana, quando os acompanhava. Nos domingos e feriados, também lhes fazia companhia em casa, construindo caramanchões - hoje conhecidos como pergolados - além de outros trabalhos conjuntos, atividades que despertavam o prazer e a alegria familiar.



O clã Abdalla em 1920, da esq., para dir: (em pé) Wagiha, Nabih, Wagih, dona Curgie, Ernesto, o empresário Assad, Malvina, Josefina e Nabiha. (sentadas) Helena e Rosa

UM CORAÇÃO GENEROSO

Assad Abdalla somente retornou à Síria depois de trinta e cinco anos no Brasil. em 1930. Porém, durante todo esse tempo, manteve o desejo de rever a terra de seus pais e avós. Quando partiu, a Síria vivia o período de opressão do domínio turco, mas ao regressar pode ver os símbolos do progresso. Ele comentava, com felicidade, as construções modernas e luxuosas, as ruas organizadas e o encanto das montanhas majestosas. Foi lá, em seu país de origem e na comunidade síria no Brasil, que Assad deu vazão à sua vocação para a caridade. Incentivou projetos, fundações educacionais, filantrópicas, religiosas e sociais, em uma verdadeira profusão de doações monetárias e de atenção.

Assad também era pródigo na ajuda à causa palestina, não só com apoio financeiro e esforço pessoal, mas também acompanhando as notícias no desenrolar de batalhas nos campos de guerra e das iniciativas das Nações Unidas em prol da Palestina.

O espírito caridoso do próspero empresário se fez presente em vários momentos. Antes mesmo de se tornar um homem rico, Assad contribuiu com 50

ações no valor de cem liras sírias para a construção da Igreja Nossa Senhora Ortodoxa, em 1902. Naquele tempo, seu patrimônio não passava de mil liras.

As contribuições dele foram fundamentais para a construção da Catedral Ortodoxa Maior, em São Paulo, considerada verdadeira joia de arte, beleza e magnificência. A construção tem altura de 46 metros, com comprimento da nave de 50 metros e largura de 32 metros. Para se ter uma ideia de sua grandeza, basta citar o que o ministro do Egito, Rostom Beik, disse ao conhecê-la: “Esta é a maior herança dos árabes em terras de imigração”.

Outra obra que contou com o auxílio de Assad Abdalla foi o Sanatório Sírio, construído em Campos do Jordão, chamado o “Líbano Brasileiro”, com uma contribuição de trezentos contos de réis - o equivalente a três mil liras sírias.

Assad também apoiou a compra de um grande prédio na cidade de São Paulo que se transformaria no Clube Homs, com a doação de cem contos de réis ou dez mil liras sírias. O primeiro clube árabe das Américas era uma construção majestosa e um lar luxuoso, um pilar de sustentação do arabismo, um palacete,

localizado na região mais rica da cidade, a Av. Paulista. Em seu salão principal poderiam ser acomodadas 1.500 pessoas confortavelmente. E Assad Abdalla acrescentou ainda uma joia ao espaço: uma rica biblioteca.

Ele também ficou conhecido por ser grande anfitrião, promovendo memoráveis festas. Entre elas, destacou-se a celebração em homenagem ao ministro plenipotenciário do Egito, Mohamad Wagih Rostom Beik - o mesmo que ficou impressionado com a Catedral Ortodoxa. A noite de 21 de setembro de 1946, no palacete da Av. Paulista onde vivia o empresário, tornou-se conhecida como a “Noite do Destino” e a “Joia da Época”.

Ele foi além das contribuições para a Comunidade no Brasil. Em 1942, durante a Segunda Guerra Mundial, doou um avião, para treinamento de jovens que quisessem aprender a pilotar, ao Clube Civil de Aviação de Belo Horizonte.

Um grande feito que contou com a contribuição de Assad Abdalla Haddad, foi o Orfanato Sírio, localizado na cidade de São Paulo. Em 1925, doou vinte contos de réis em nome da esposa, Curgie, a patronesse da construção principal. Depois, em 1929, patrocinou a construção de três casas de aluguel, cuja renda seria destinada ao Orfanato Sírio. Mais tarde, em 1935, percebeu a necessidade de um grande edifício, com salas de aula e um salão para festas e comemorações, financiando a construção desse espaço. Em 1948, sempre com o apoio da esposa, construiu outro grande bloco de dois andares, com mais salas de aula e dormitórios, ao custo de mil e duzentos contos. Além disso, fazia doações mensais para a manutenção do orfanato.

No final da vida, já no leito de morte, Assad reiterou seu caráter benemérito doando o equivalente a trinta mil libras sírias para a edificação de uma ala no Hospital de Consultas, ligado à Universidade Síria, em Damasco. Depois sua viúva, Curgie, ampliou a doação para duzentas mil libras, para que o projeto fosse concluído.

UMA HERANÇA PARA DUAS PÁTRIAS

No final de 1949 a doença se abateu sobre Assad. No hospital, passou por duas operações e, mesmo proibido de receber visitas, acabou recebendo uma comitiva da Escola Ortodoxa de Homs, e atendendo seu pedido de doação para a compra de um prédio, no valor de cem mil cruzeiros.

Curgie Haddad não só era inspiração e apoio para Abdalla e suas ações benemerentes, como foi responsável por dar continuidade e expandir sua obra depois da morte do marido

Assada faleceu em 22 de abril de 1950. Morreu ao lado da esposa, filhos, genros e noras. As manifestações de pesar vieram de várias partes do Brasil e do mundo, homenageando o empresário de 81 anos, 56 deles vividos em terras brasileiras. Na região da 25 de Março foi decretado luto e todas as lojas fecharam as portas em sinal de respeito. “A colônia síria perdeu um homem ímpar e sábio, seu líder supremo, e como é irreparável essa perda”, falou-se na época.

Sua missão, no entanto, ganhou uma nobre e empenhada líder: a esposa, Curgie Haddad, deu continuidade à sua obra patriótica e humanitária na Síria e no Brasil. Já na missa de nono dia de falecimento de Assad, ela anunciou a intenção de terminar o iconostádio e a decoração interna da igreja, em um investimento de mais de cinco milhões de cruzeiros, acompanhado da doação de sinos elétricos, por parte dos filhos do casal.

Curgie também contribuiu - com cento e cinquenta mil libras sírias - para a construção da Escola de Enfermagem e Maternidade da Universidade Síria, em Damasco. E destinou trezentos contos de réis para a construção do Orfanato Ortodoxo, em Homs. Doou ainda cem mil libras sírias para o município de Homs e para associações de caridade da capital. As doações se somaram para entidades do Brasil e da Síria, em um volume crescente e o nome de Assad Abdalla acabou imortalizado em uma escola infantil e na piscina do Esporte Clube Sírio, em São Paulo, e em uma escola em Damasco, na Síria. Além de permanecer eternamente na História dos dois países. ■



A família Abdalla reunida na luxuosa residência do clã, em 1959

A SABEDORIA DAS PALAVRAS

Assad Abdalla Haddad era conhecido por colecionar e compor provérbios e pensamentos como reflexões morais para a vida. Suas frases falam de sabedoria, humanidade, educação, fé em Deus, trabalho, comércio e recomendações que acabaram servindo de base para sua própria vida e como ensinamento para seus filhos. Para seu primogênito, Assad deixou 700 provérbios de próprio punho, com frases e ditos que inspiraram suas ações.

Confira abaixo dez dessas máximas:
“Muita comida e muito passeio é sinal de pouco trabalho”

“Quem tem o apoio de Deus progride”
“Por causa de um pão não deixe o próximo com fome”
“O estrangeiro, para outro estrangeiro, é um parente”
“A pátria da pessoa é o lugar onde vive tranquila”
“Quem pode fazer o bem e não o faz comete pecado”
“O homem morre e não termina seu aprendizado”
“Quem planta preguiça na juventude, colhe desgraça na velhice”
“Não deixe sua raiva permanecer até o pôr do sol”
“O povo que é unido não é vencido”

CIDA CARAN

MADAME HIGH SOCIETY

A “grande dama do colunismo”, como é conhecida no noroeste paulista, faz um pit-stop em seu cotidiano agitado e responde a um ping-pong sobre informação, redes sociais, fogueira das vaidades e, claro, suas origens árabes

FOTO: GUILHERME BAFFI



Cida Caran iniciou a carreira de colunista social há 41 anos, em São José do Rio Preto



Na página ao lado, Cida Caran ao lado da nora, Ana Leticia, seu filho, Rodrigo, e os netos, Heitor e Matheus. Nesta página, o filho de Cida, Alexandre com sua mulher, Cinthia e Cida com o marido, Orville

FOTOS: ÁLBUM DE FAMÍLIA

Ela é a verdadeira dona do pedaço em São José do Rio Preto e região. Colunista social extraordinária, há 41 anos Cida Caran informa, conta e elege quem é quem, o local do momento, as festas mais concorridas, o que vai ou está dando o que falar, os negócios mais quentes e aquela notícia de última hora que só contaram para ela.

Cida estreou como colunista em 1978, no jornal "Dia e Noite", a convite do diretor-presidente, o jornalista Adib Muanis, Mas ela já vinha flertando com o métier através do amigo Amaury Jr., de quem era fonte e de quem recebeu o incentivo necessário para se tornar uma profissional da notícia. Na época, o colunismo social estava em alta e Cida, além de Rio Preto, também transitava pela sociedade das cidades vizinhas, como Monte Aprazível, Mirassol e Ribeirão Preto. Não perdia uma festa, conhecia todo mundo, fazia amigos por onde passava, conseguia notícias em primeira mão e, assim, mantinha-se a mais bem informada, deixando os leitores atualizados e por dentro de tudo. Logo sua crônica social estava

presente também nas páginas da "Folha de Rio Preto", "Folha de S. Paulo", "Diário da Região" e "Bom Dia".

O sucesso a levou para a TV, onde até hoje, comandando programa no SBT local - e disponível no YouTube. Cida assinou coluna em quatro revistas regionais: "Acontece", "Ala Vip", "Max Magazine" e "Viva". Atualmente assina coluna na revista "Vida&Arte". Sem falar que é muito presente nas redes sociais. "Adoro todas", contou à Carta do Líbano conseguiu capturá-la entre um dos inúmeros compromissos e telefonemas que agitam seu dia-a-dia para um bate-bola/jogo rápido.

CARTA DO LÍBANO: *Por que o colunismo social e quais foram as suas influências e inspirações?*

CIDA CARAN: Porque sempre gostei de colunismo. Minha principal influência e inspiração foi a amizade com Amaury Jr.

CL: *Em 40 anos de colunismo, cite uma história que deu o que falar.*

CIDA: Foram várias histórias e seria difícil citar a que mais deu o que falar.

CARTA: *Qual o segredo para se manter no topo por tanto tempo?*

CIDA: Acredito que a minha maneira de ser. Procuo ser agradável com todos ao meu redor.

CARTA: *Em algum momento vc pensou em migrar para os grandes centros, como São Paulo, Rio ou Brasília?*

CIDA: Nunca! Em São José do Rio Preto eu sou "a Cida Caran" e em qualquer outro lugar, seria apenas mais uma.

CARTA: *Influencers e redes sociais são hoje a grande concorrência para o colunismo social? Como lidar com esses novos tempos em que todo mundo se considera celebridade?*

CIDA: Lido muito bem com as redes sociais. Simplesmente estou adorando todas elas.

CARTA: *Qual a fogueira de vaidades mais intensa: da sociedade, do mundo artístico ou da política?*

CIDA: A grande fogueira das vaidades inclui a sociedade, o mundo artístico e a política. Todos adoram aparecer.

CARTA: *Qual a receita para uma festa/evento de sucesso. e que atraia a atenção da colunista Cida Caran?*

CIDA: A lista de convidados, o local, o buffet e a boa música.

Há 41 anos Cida Caran informa, conta e elege quem é quem, o local do momento, as festas mais concorridas, o que vai ou está dando o que falar, os negócios mais quentes e aquela notícia de última hora que só contaram para ela

CARTA: Existe alguma diferença de conteúdo entre a coluna impressa, o que vai ao ar em seu programa de TV/canal YouTube e do que você posta online?

CIDA: Não faço diferença de conteúdo. O importante é ser inteligente e tenha vários furos, informações quentes em primeira mão. Na coluna impressa, hoje, a informação demora um pouquinho, mas é a que tem mais tradição.

CARTA: Qual notícia você ainda não deu e o furo que você gostaria de publicar?

CIDA: Que o Brasil faz parte do Primeiro Mundo. Essa é a notícia e o furo que ainda não publiquei, mas gostaria muito.

CARTA: Qual o legado que você herdou de seus antepassados árabes?

CIDA: Meus avós paternos - Assad Caran era o nome de meu avô - vieram de Damasco, Síria, por volta de 1912. Eles viveram no Sul de Minas Gerais, em Jacuí, cidade onde nasceram seus nove filhos. Meu pai, Jorge Assad Caran, nasceu em 1919 e veio morar aqui em São José do Rio Preto, onde ele se tornou um dos agropecuaristas mais ricos da região. Em 1969, com apenas 50 anos de idade, ele sofreu uma parada cardíaca na noite de Natal e nos deixou. Para nós ficou o exemplo de trabalho, honestidade e honradez. De minha família recebi a melhor educação e uma grande lição de vida. Não posso reclamar. ■

“Cida Caran personifica plenamente a intensa vida social de Rio Preto. Sua energia e autoconfiança combinam com o dinamismo festeiro da nossa cidade”

- MARIA ELZA ARAÚJO, PRIMEIRA-DAMA DO MUNICÍPIO DE SÃO JOSÉ DO RIO PRETO



Cida acredita na sua maneira de ser e procura ser agradável com todos ao seu redor

É A MAIOR!

Grandes amigos - e fãs confessos - explicam o que faz de Cida Caran a grande estrela da cidade

“ Na história de São José do Rio Preto e região, há fatos e contextos que nos remontam à figura emblemática de Cida Caran. E não são poucos os fatos, tampouco o número de famílias, que tiveram seus cursos de vida abrihantados pela pujança e elegância desta mãe, esposa, empresária, empreendedora, comunicadora e pioneira. Dentre as expressões máximas da graça divina, encontra-se a longevidade. Nossa querida Cida Caran é longaeva na bondade vívida, na benemerência desprovida, no sorriso que contagia e que resiste aos momentos de sofrimento e no carinho transbordante de sua expressão e postura. Cida Caran existe, resiste e persiste! Na relatividade do tempo, Cida Caran extrapola o concreto, invade o abstrato, renova-se a cada dia de forma multifacetada, contornando íngremes obstáculos para atingir os píncaros do êxito, embebido na mais profunda e cristalina humildade. Cida é uma figura humana forjada no crisol dos mais preciosos metais, ímpar no profissionalismo e caráter. Habemus Cida Caran, orgulho dos riopretenses, orgulho para o Brasil!”

Edmo Atique Gabriel, médico cardiologista



“ Cida Caran faz parte da nossa história de vida profissional e pessoal. Somos amigos há mais de 30 anos. Sua credibilidade é tanta que no passado chegou a fazer propagandas do meu consultório, com uma grande repercussão, mesmo tendo um filho dentista, Rodrigo Caran, que nos é igualmente muito querido. Mas é mesmo com a carreira de colunista que ela sempre foi brilhante! Merecidamente é hoje considerada uma das maiores colunistas sociais do estado de São Paulo. Ela é multiprofissional. Versátil, espontânea, segura, faz TV e jornal como poucos. Dona de uma personalidade forte como toda descendente de árabes. Cida não perde a doçura, o charme, a elegância e muito carinho com seus entrevistados, deixando atrás de si, por onde passa, uma legião de amigos e admiradores. Ela consegue tirar sempre, o melhor de cada um, até mais do que o esperado. Sempre bem informada e amiga de todas as horas, Cida retrata a sociedade local e regional com um jeito especial e vai além de uma simples nota social ou sobre os registros das festas e eventos. Ela transforma o que seria uma simples festa de família na ‘Festa’ mais badalada da cidade, em maiúscula mesmo. Esse é o jeito Cida Caran! Um bom humor inesgotável! Em quatro décadas de carreira, tem entrada liberada nas festas mais interessantes e luxuosas e nos eventos mais sofisticados e badalados de Rio Preto, o que a possibilitou entrevistar inúmeras celebridades. Sinto-me honrado em ser seu amigo pessoal e ter sido, por duas vezes, alvo de suas homenagens.”

Elias Naim Kassis, cirurgião dentista - coordenador de Graduação de Odontologia e Pós-graduação da Unorp. Diretor-geral Unipós - Pós-Graduação Continuada de Rio Preto





“Cida Caran personifica plenamente a intensa vida social de Rio Preto. Sua energia e autoconfiança combinam com o dinamismo festeiro da nossa cidade. Com talento, elegância de texto e versatilidade, ela faz uma crônica do cotidiano da cidade informando sobre eventos, festas, reuniões, viagens, acontecimentos retumbantes e até um simples encontro de amigos. Sem sombra de dúvidas, é uma das expressões mais eloquentes do colunismo social do Noroeste Paulista, respeitada entre seus pares, querida pelo público leitor, uma das grandes damas da nossa sociedade. Ela transita com equilíbrio entre as páginas da mídia impressa e a tela da TV, levando adiante programas sempre recheados de novidades. Nada escapa ao faro desta mulher que fez do trabalho e da família o seu credo de vida. Levanta-se cedo, faz questão de atender os inúmeros e insistentes convites sociais, administra sua carreira, faz receitas formidáveis e ainda fica de olho na família, à qual provê como uma autêntica mãe árabe. Seus pãezinhos e bolos são imbatíveis, pois junto com ovos e farinha ela despeja e mistura amor. Sorte a nossa por sua presença e amizade!”

Maria Elza Araújo, primeira-dama do município de São José do Rio Preto

“Cida Caran é uma das primeiras colunistas de Rio Preto e região. Ela entendeu bem as mudanças que a comunicação sofreu nos últimos anos, tornando-se uma profissional multimídia. Cida se reinventa conforme a necessidade e o faz com maestria. Sua importância como comunicadora que integra e valoriza a todos nós, empresários, é inquestionável. Somos, basicamente, seus fãs e devedores.”

Paulo Sader, presidente da Associação Comercial e Empresarial de São José do Rio Preto (Acirp)

“Terra de efervescente crônica social, São José do Rio Preto tem muita sorte em contar com o talento de Cida Caran. Profissional de brilho e força, ela esbanja dinamismo, foco, simpatia. Cida Caran é o espírito e a alma da nossa gente, o registro histórico - elegante e certo - das famílias que compõem a cena da nossa sociedade. Múltipla em dons, ela testemunha com sua pena ou com seu microfone a história valorosa de muito trabalho e sucesso das pessoas que fazem os caminhos de Rio Preto. Cida Caran é pura inspiração e fé. Sua crônica capta o sentimento, a emoção, os flagrantes e os melhores e mais intensos momentos da vida de uma comunidade. Observadora atenta e atuante do cotidiano de São José do Rio Preto, Cida valoriza o colunismo social com seu olhar apurado e ético. Iniciada no jornal ‘Dia e Noite’, celeiro de tantos talentos do jornalismo nacional, Cida é lúcida ao anotar e pontuar com inteligência as transformações do Brasil e do mundo. Com mais de quatro décadas de profissão, ela mantém o frescor, o ânimo e a paixão dos primeiros dias de trabalho. Além disso, é amiga de todas as horas, parceira incrível nesses meus muitos anos de jornalismo. Cida Caran é pura energia. A definição da alegria.”

Elma Eneida Bassan Mendes, jornalista e escritora



CAMPANHA PRÓ NOVA SEDE DO CONSULADO GERAL DO LÍBANO EM SÃO PAULO



MUDAR PARA SERVIR MELHOR

A comunidade libanesa de São Paulo tem indicado que deveríamos ampliar as instalações atuais de nosso Consulado, localizado na Avenida Paulista, num espaço modesto e insuficiente. Hoje, temos funcionários dedicados e competentes, mas instalações pequenas. A nova sede deve refletir a importância do Líbano e dos libaneses na história do Brasil e da humanidade. Estamos procurando esse novo local, mas precisamos de sua colaboração. Os doadores terão seus nomes gravados para sempre na recepção do novo Consulado, de acordo com a categoria de doação.

- BRONZE: R\$ 5.000,00** (cinco mil reais)
- PRATA: R\$ 20.000,00** (vinte mil reais)
- OURO: R\$ 50.000,00** (cinquenta mil reais)
- PLATINA: R\$ 100.000,00** (cem mil reais)

**É UM MOMENTO
HISTÓRICO.
APROVEITE-O!
CONTRIBUA AGORA
COM O QUE PUDER!**

**BANCO SANTANDER,
AGÊNCIA 3409, CONTA 13010501-5,
CLIENTE CONSULADO GERAL DO LÍBANO,
CNPJ 05.034.412/0001-66**



O saudoso professor Wilson Choeri

VIVER PARA CONTAR

Em intensos 59 anos, Nicolau Choeri, o “turco” que não queria ser mascate, viveu o que hoje renderia uma movimentada série. Episódios que ele narrava com gosto e foram ouvidos pelo filho, Wilson Choeri, que os transformou em livro

FOTO: DIVULGAÇÃO

O personagem a seguir não foi um grande empreendedor com uma trajetória de vida heroica ou dedicada à benemerência. Porém, sua existência rica, repleta de aventuras e contada por seu filho, através de um relato envolvente, fazem de Nicolau Choeri, libanês - ou “sírio nascido em Beirute”, como ele mesmo dizia - é alguém que merece ser conhecido e registrado nas páginas de Carta do Líbano.

“Maktub: Bayê Nuula - O ‘Turco’ que não queria ser mascate” é o título da biografia escrita pelo grande educador brasileiro, Wilson Choeri - morto em 13 de agosto de 2013 - contando a história de seu pai, Nicolau Choeri. A obra contém não apenas a vida do imigrante, mas também importantes capítulos da história do Brasil e do Mundo, como a Revolta da Chibata, a guerra entre Turquia e Itália e a epidemia de gripe espanhola. Além de fatos e lendas do guerreiro árabe Antar e do presidente da Turquia, Mustafá Kemal Paxá, entre tantos outros personagens.

Wilson Choeri, herdou do pai, Nicolau, o talento de contador de histórias. É assim, como um Sheikh-el-medah, que o autor vai narrando os episódios da vida do “Beirute”, como seu pai ficou conhecido por aqui. “Preferi escrever sobre ele, porque personifiquei a antítese do imigrante libanês vindo para o Brasil: não quis vir por vontade própria; jamais aceitou ser mascate ou abrir uma loja de tecidos e bugigangas; ou mesmo um modesto armazém”, descreve Wilson no prólogo da biografia.

UM MERGULHO NA VIDA

O caminho de Nicolau até o Brasil teve início com a vinda de sua mãe, Faride, acompanhada da filha Tameme. No Líbano ficaram seu marido Assad, cinco das seis filhas e o único filho varão, Nuula Choeri, que aqui recebeu o nome de Nicolau. “O sétimo filho, após terem nascido seguidamente seis meninas, motivou festa que durou além de uma semana”, conta o autor.

O jovem Choeri, além de exímio nadador, também

detinha invejável capacidade como mergulhador. Em uma ocasião, um cargueiro carregado com contrabando de armas para o Líbano foi perseguido pela marinha turca. Antes de ser interceptado, lançou a carga de fuzis no mar. Mais tarde, o contrabandista abordou Nicolau e o desafiou a recuperar as armas em troca de três libras cada uma. O rapaz mergulhou e localizou os sete fuzis, mas só trouxe quatro deles de volta, desconfiado da palavra do traficante, que acabou pagando apenas uma libra pelo trabalho e não doze, como era o combinado. No dia seguinte, Nicolau mergulhou e recolheu as três armas restantes, vendidas por seu pai, Assad, por trinta libras, para cristãos da resistência antiturca.

O episódio mostra o quanto Nicolau não era alguém convencional. Criativo, astuto e aventureiro, seu destino seria diferente de outros libaneses. Assad, preocupado com o excessivo espírito de liberdade do filho, que o levava a se envolver em situações de alto risco, escreveu para a esposa Faride recomendando que Nicolau fosse encontrá-la no Brasil. Diferente de inúmeros jovens de sua época que sonhavam com o Novo Mundo, ele não queria partir, mas o pai insistiu: “Aqui no Líbano não tem trabalho, e com os turcos mandando na situação, está piorando. Se você ficar em Beirute, do jeito que está procedendo, acaba morto ou na cadeia”, advertiu Assad.

Nuula, resolveu então fugir de casa. Engajou-se na tripulação de um barco e logo se adaptou ao trabalho de bordo. Acabou encontrando um dono de café que, por acaso, era parente de sua mãe, e ele recomendou que voltasse a Beirute, para encontrar o pai e seguir rumo à América. Porém, antes disso, Nicolau ainda fez algumas viagens, substituindo um marinheiro. Passaram-se dois anos, até que ele decidisse que era hora de partir para o Brasil, ganhar dinheiro e voltar para o Líbano, trazendo consigo a mãe e a irmã. Nuula estava com 19 anos.

NO BRASIL, COM A PROTEÇÃO DE SÃO JORGE

Como boa parte da vida de Nicolau, a chegada ao Brasil foi tumultuada. Ao desembarcar, com sua modesta bagagem, não encontrou nenhum parente. Trazia no bolso um papel com o endereço da mãe,

“Não quero ser **mascate**. Quero trabalhar no mar, conseguir dinheiro para voltar com Tameme e minha mãe para o **Líbano**” - Nicolau Choeri (Nuula)

mas não tinha dinheiro em moeda brasileira, apenas alguns poucos francos canadenses. Sentou-se em um banco na Praça 15, no Rio de Janeiro, e percebeu que seus trajes árabes - calças largas tipo bombacha e colete - não só chamavam atenção como eram motivo de chacota. Percebeu também que era observado por um mulato, que fazia caretas, gesticulava e o ameaçava de roubo. Foi o que bastou para Nicolau começar uma briga que acabou em confusão. O “Beirute” batia e apanhava, até a chegada da polícia.

Sem entender uma palavra de português, Nicolau foi “salvo” por um verdureiro libanês que testemunhou a contenda e o acompanhou até a delegacia. Na época, todos os libaneses tinham passaporte turco, mas o compatriota avisou que o rapaz vinha do Líbano e tinha endereço no Brasil. Com a família localizada, Nicolau encontrou a mãe e a irmã e recebeu recomendações do tio João: “Você não pode brigar com as pessoas, tem que ter calma, aqui não é Beirute. Sorria sempre”. Pode-se dizer que a vida de Nicolau teve vários sorrisos, mas também muita briga.

Ele precisava trabalhar e o tio João lhe ofereceu o de costume: “Nós vai ‘coimbra’ fiado, linha, cadarços, fazenda, grampos... ‘Uacê’ põe na caixa, vai vender. Traz dinheiro, paga o que comprou e leva mais mercadoria”, ensinou. Mas não era esse o destino que Nicolau queria para si. “Não quero ser mascate. Quero trabalhar no mar, conseguir dinheiro para voltar com Tameme e minha mãe para o Líbano”, protestou.

E foi assim. Fez amizade com um mestre-arrais, dono de um barco pesqueiro, e acabou sendo convidado para trabalhar com ele. No mar, sozinho em um barco, enfrentou uma tempestade de mais de três horas e sobreviveu. “São Jorge o protegeu. Abu-Abesse não o abandonara”, agradeceu.

O ALMIRANTE NEGRO, SOPAPOS E A GRIPE ESPANHOLA

Como marinheiro, foi testemunha da história. Certa noite, rumo à baía onde estava o encouraçado “Minas Gerais”, percebeu que havia algo estranho e anormal. Iria pescar próximo à Ilha do Governador. Não pôde chegar perto, foi obrigado a se afastar sob pena de levar tiro. Obedeceu, porém, um pouco mais tarde, ouviu um estrondo e viu um clarão vindos do “Minas Gerais”. O navio havia disparado um de seus canhões. Era o começo da Revolta da Chibata, um protesto de marinheiros contra o Decreto 328, que criava uma Campanha Correccional, instituindo, entre outras normas, a aplicação de castigo severo para os que ocorriam em desobediência e contravenção. Nicolau acompanhou a batalha de perto e narrou ao filho a atitude heroica do negro João Cândido Felisberto, líder da revolta dos marujos brasileiros a bordo do “Minas Gerais”. Depois do levante, João foi preso com outros dezessete companheiros. No dia seguinte, dezesseis deles amanheceram mortos com uma nuvem de vapor de cal virgem. João Cândido sobreviveu e entrou para a história como o “Almirante Negro”. Nicolau o encontrava com

frequência na Praça 15. “Os marinheiros tiveram mais dignidade que o marechal branco (Hermes da Fonseca)”, afirmava o imigrante ao narrar o episódio.

Conflitos mundiais também repercutiam por aqui e, mais uma vez, Nicolau foi testemunha ocular da história. “A guerra entre Turquia e Itália provocou no Rio de Janeiro alguns incidentes desagradáveis entre libaneses e sírios, ocasionados pela arrogância de italianos que venciam a luta”, conta o narrador. Jorge Yunes, imigrante libanês, retornava de uma noitada de farra quando encontrou um peixeiro italiano e quis adquirir um robalo. O diálogo entre os dois foi ríspido. O italiano chamou Jorge de “turco de merda”, se recusando a vender o peixe. Jorge insistiu, chamando o outro de “carcamano”. Resultado: uma briga que terminou com o peixeiro no chão, estrebuchando. Segundo Nicolau, o libanês não provocou a briga, mas se defendeu.

Em outra ocasião, Nicolau se encontrava em um café quando ouviu a provocação de um negro contra a “patriçada” pacata: “Lé bracara’... eu sou Itália, você é turco, vem brigar comigo. Vocês são covardes, uns cagões”. Ninguém aceitou o desafio ou respondeu à provocação, mas Nicolau se aproximou e interpelou: “Esses homens que você todos os dias desafia não são covardes, não têm medo. Eles vieram para o Brasil para trabalhar e não querem confusão. Na terra deles, bebiam teu sangue, arrancavam teu coração e teus olhos com as próprias mãos”. E foi além, surpreendendo o negro com um tremendo soco no queixo, que o derrubou. Nicolau foi levado para a delegacia e autuado como arruaceiro. Passados alguns dias, o negro voltou ao café e reencontrou Nicolau e pediu a ele uma média com pão. “Não pago média, pago um prato de comida”, disse o imigrante, encerrando o episódio de forma solidária, o que acabaria se repetindo em outras ocasiões.

Mas essa não seria a última briga na vida atribulada de Nicolau. Ao trabalhar como ajudante de motorista de táxi, ele era encarregado de tocar a manivela do motor, carregar as malas dos passageiros, vedar os carros com protetores contra

chuva e lavar o veículo. O taxista era um português, Armindo, e a relação entre os dois era tempestuosa. Certo dia, ao avisar que precisava ir até em casa, ouviu do português: “Dá lembrança à vaca da tua mãe. Hoje não vou dormir com ela!”. Nicolau partiu para cima do chefe, que reagiu batendo no rapaz um porrete e este revidou com um pedaço de ferro pontudo, cravado nas costas do opositor, e quase o matou. Dois policiais foram chamados e deram ordem de prisão ao agressor. No caminho, xingado pelos policiais Nicolau reagiu. Atingiu um deles, que caiu no chão. Acabou sendo espancado até a delegacia. Chegando lá, empurrou guardas e testemunhas escada abaixo. Nicolau contou as brigas ao delegado, que atestou que como as costas do rapaz estavam cheias de marcas e calombos, comprovando as agressões que ele também sofrera. O taxista português se recuperou e Nicolau permaneceu preso por alguns meses por lesões corporais. Na prisão aprendeu a ler e escrever em português, porém continuou analfabeto em sua língua, o árabe.

Mais tarde, a Gripe Espanhola acometeu o mundo e chegou ao Rio de Janeiro. A epidemia teve início em outubro de 1918, trazida por passageiros e tripulantes contaminados pela influenza. Nicolau contou ao filho que, em todas as ruas e calçadas, as vítimas caíam subitamente de um mal estranho, enquanto os hospitais ficavam lotados. Começou a ocorrer falta de alimentos. Nas três primeiras semanas da gripe, 600 mil pessoas foram acometidas pelo mal e cerca de 12 mil morreram. Em novembro, a epidemia começou a declinar e a cidade voltou à normalidade, mas com sequelas, como o aumento de casos de tuberculose. Os libaneses e sírios, moradores de São Cristóvão, ajudavam uns aos outros. Nicolau passou incólume pela doença. Tinha uma saúde de ferro. E só foi afetado por alguma doença muito tempo depois.

O CURTIDOR DE COURO QUE CONTAVA HISTÓRIAS

Depois da Primeira Guerra Mundial, Nicolau ganhou uma nova profissão, a de curtidor de couros, e um amigo, o mestre-capataz português Joaquim.

*A vida de **Nicolau**, no entanto, não era só trabalho (e brigas). Uma das atividades que reunia a família era a narração de histórias*

Os primeiros dias de trabalho no curtume foram difíceis. “Quero aprender, mas o cheiro de carniça podre mata qualquer cristão. Seu Joaquim, isso aqui fede mais que a Ilha de Sapucaia, onde vazam o lixo da cidade”, reclamava. Aguentou firme e, em três semanas, o cheiro já não era mais percebido. Entre chefe e empregado nasceu uma amizade, e Nicolau acabou batizando o filho de Joaquim, que ensinava quase tudo ao aprendiz, menos as operações de fülão e as matização. Mas Nicolau defendia o compadre: “Ele foi meu melhor amigo. Mesmo não tendo ensinado, ele me deu uma lição: não se aprende tudo com o professor, o aluno deve descobrir e completar seus conhecimentos com esforço próprio”, respondia ao dizer ao filho, que acuava Joaquim de ter sido egoísta ao não ensinar tudo que sabia ao pai.

A vida de Nicolau, no entanto, não era só trabalho (e brigas). Uma das atividades que reunia a família era a narração de histórias. E entre as histórias da “Mil e Uma Noites” e as do apaixonado Majnoon Laylá, as preferidas por Nicolau eram as aventuras de Antar, extraídas de uma coleção de livros, empacotados com todo cuidado nas múltiplas mudanças que teve ao longo da vida. A epopeia de Sirat Antar, embora pouco conhecida pelos filhos de sírios e libaneses no Brasil, continua encantando a imaginação dos árabes, com as façanhas do herói. Inspirou poesia, pintura e ópera e até o compositor brasileiro Lamartine Babo se rendeu ao seu caráter romântico: “Tipo de árabe errante, fez-se pastor, guerreiro e poeta e escreveu o deserto inteiro em suas poesias nacionais. Foi épico como Homero, estoico e

resignado como Job, amoroso como Teócito, e filósofo como Salomão”, escreveu o autor de imortais marchinhas de Carnaval e dos hinos dos principais times de futebol do Rio de Janeiro.

Na família, o contador de histórias oficial era o tio João Massad, prendendo a atenção dos ouvintes com narrativas envolventes e cheias de suspense. Mas o talento para contar histórias é uma herança cultural árabe, totalmente dominada por Nicolau Choeri e, mais tarde, depois por seu próprio filho Wilson Choeri, como demonstrou ao escrever a envolvente biografia do pai, repleta de episódios vividos e contados pelo próprio.

ESSIM, O AMOR LOURO

Nicolau não pretendia se casar no Brasil. Queria voltar para Beirute, como havia prometido ao pai. Até que conheceu Essim, viúva sem filhos, loura, muito bonita, olhos castanhos claros. Fora obrigada pela mãe a se casar, aos quatorze anos. Seis anos depois, o marido faleceu e a moça, que vivia no Rio de Janeiro sem nenhum parente próximo, despertava o encanto de muitos pretendentes, entre eles Nicolau e o filho do tio João, o primo Tuffic, moço letrado e educado. Parecia que o voluntarioso e estourado, porém trabalhador, Nicolau, perderia essa disputa. Tio João desafiou a jovem Essim a escolher entre os dois. “Escolho Nicolau”, respondeu a bela loura. E assim foi.

Como o esperado, a vida do casal oscilava entre momentos tranquilos e tempestuosos. Os hábitos pouco comprometidos de Nicolau causavam irritação

*No livro, **Wilson Choeri** relata que muitos filhos de **imigrantes libaneses** têm data de registro de nascimento diferente do dia e até do ano que nasceram*

em Essim. Um dia, quando Nicolau retornou à casa fora do horário rotineiro, foi recebido pela esposa de forma sarcástica: “Já, tão cedo! Que milagre é esse?”. Nicolau virou as costas e passou a noite fora, mas na volta acabaram fazendo as pazes e permaneceram juntos até o fim dos dias de Essim.

O sonho dela era ter um filho, porém acabou sofrendo dois abortos. Ao engravidar novamente, temia perder a criança ou morrer. Nicolau, para apoiar a esposa, decidiu consultar o médium Custódio Caravana, em um centro espírita. Lá chegando, ficou impressionado com o que ouviu: “Você veio aqui por causa da tua mulher, não é? Ela tá grávida e tá com medo de morrer quando for parir. Ela vai ter um parto muito feliz. É tanta verdade quanto o pente que ela tem na penteadeira do quarto. Ele é azul, enfeitado de pedrinhas. Quebrou e ela não quer jogá-lo fora... Turco, ela vai ter um menino!”.

O filho do casal nasceu no dia 28 de agosto de 1925. Nicolau queria dar a ele o nome Assad, em homenagem a seu pai. Essim queria Fouad. Mas foi a vontade de Aziz, irmão de Essim, que prevaleceu: “Vocês precisam esquecer esses nomes árabes; estão no Brasil, na América. O nome deve ser Wilson, o mesmo do presidente da América do Norte, que criou a Liga das Nações e ajudou a ganhar a guerra” - referindo-se a Woodrow Wilson, presidente dos EUA entre 1913 e 1921.

Nicolau demorou quatro meses para registrar o menino no Cartório. Com o atraso, teria de pagar uma multa, mas acabou contornando a situação.

“Eu não pago multa nenhuma, faz favor de registrar na data de hoje. Eu me enganei. Ele nasceu hoje”, retrucou marotamente. No livro, Wilson Choeri relata que muitos filhos de imigrantes libaneses têm data de registro de nascimento diferente do dia e até do ano que nasceram. “Pagar multa por causa de data, nunca”, admitia.

Em seguida, Wilson ganhou uma irmã, Tereza. Mais tarde, no entanto, sua mãe adoeceu gravemente. Começou a expelir sangue após a tosse, pensou que era uma gripe, mas não. Havia lesão nos pulmões, estava com tuberculose. Wilson passou a cuidar da casa e da mãe, mas em virtude da doença ela teve de ir morar em Friburgo, para se tratar em um clima mais favorável. O filho visitava Essim porém sem poder se aproximar muito, por perigo de contágio. Em sua última visita, no entanto, a abraçou. A pedido dela, antes de morrer, Wilson foi batizado com quase quatorze anos. Essim enviou ao marido a seguinte intimação: “Diga ao Nicolau que quero morrer em paz. Eu prometi que, se fosse mãe, meu filho seria batizado na Igreja Nossa Senhora da Penha. Ele tem que ser batizado para eu morrer”.

TEMPOS DIFÍCEIS E HOMENS EXEMPLARES

Depois do batismo veio a notícia do falecimento de Essim. Wilson não quis acompanhar o enterro: “Não quero ver minha mãe enterrada. É muito duro. Não vou, pai!”. Embora não tivesse se despedido da mãe, ela apareceu para ele. Na madrugada que se seguiu ao enterro, Essim aproximou-se do filho,

Precisava ajoelhar-se debaixo do céu mais lindo, beijar o solo e pedir perdão por haver partido e só ter voltado tantos anos depois

envolta em um tecido branco, diáfano e disse: “Meu filho, já vou, estou partindo. Tome conta de seu pai e de sua irmã. Seja sempre um homem direito. Adeus”. Beijou o filho e se foi.

À morte de Essim segue-se a crise e o caos sobre a família. Teresa foi morar com a tia Egia. E lá, aos treze anos, foi transformada em criada. Tinha de cuidar da limpeza de toda a casa e, à noite, precisava servir e esvaziar os cinzeiros dos jogadores que vinham para partidas de pôquer. Tinha ainda a incumbência de servir café na cama para a madrinha, a tia Egia. Abalada pelas dificuldades, acabava desmaiando algumas vezes e derrubando a bandeja de louça, o que era punido com severidade. A situação de abuso foi descoberta por um dos inquilinos do local, que achava que Teresa era empregada da casa e não sobrinha de Egia. A menina foi morar com outra tia, Tameme, irmã de Nicolau, e suas filhas, sendo acolhida com o carinho devido.

Na época, Nicolau deixou uma sociedade que tinha com Eduardo Bacarat. Não se conformava com as despesas maiores que as vendas e desconfiava que os balanços haviam sido manipulados. Conhecido como homem trabalhador, alugou os fundos de uma fábrica e adquiriu máquinas de costura. Resolveu abrir um negócio próprio, mas o registro da firma demorou a sair e, com isso, não conseguia vender seus produtos. Não tinha dinheiro para pagar os fornecedores e acabou perdendo tudo. “Havia dias em que não tínhamos condições de fazer refeições

completas”, lembrava Wilson. Ele ia à casa da tia Tameme, onde podia faltar tudo, menos o pão.

Depois dessa fase difícil, Nicolau foi chamado para trabalhar como gerente de produção em uma fábrica de couro, propriedade de um alemão também chamado Nicolau, com quem o “turco” se entendeu muito bem. O judeu alemão Nicolau era excelente patrão, jamais atrasava o salário e os dois se completavam, um no aspecto técnico e o outro no industrial. A situação financeira da família melhorou. Passado algum tempo, no entanto, a fábrica foi vendida e transformada em hotel, mas Nicolau lembrava com gratidão dos tempos trabalhados com o xará: “Raros dos meus patrícios chegariam aos pés do Nicolau e de sua mulher”, reconhecia.

Dois grandes homens eram admirados por Nicolau. Um era o presidente da Turquia, Mustafá Kemal Paxá. Ao receber a notícia de seu falecimento, o libanês ficou com lágrimas nos olhos, algo raro de acontecer. À noite, em um encontro entre patrícios, foi questionado por sua admiração ao turco: “Nicolau, por que defende esse turco? Esqueceu do que eles fizeram na Síria e no Líbano?”. Ele defendeu sua visão. “Foi o grande reformador da Turquia. Tirou-a de um atraso de duzentos anos. Separou a igreja muçulmana do Estado. Proclamou a república e tirou o sultão Maomé 5 do governo”, declarou. O outro era Abd el-Karim, que liderou os marroquinos contra os espanhóis e franceses. “Ele foi um herói e lutou com valentia. Muito inteligente e instruído, queria a independência de sua terra”, argumentava.

A CURA, O MAR E A MORTE

Nicolau jamais havia adoecido, tendo resistido inclusive à gripe espanhola. Quando não estava bem, era ele mesmo quem se tratava. Em caso de gripe forte, tomava um escalda pé quentíssimo e um chá com casca de limão, canela, alho e conhaque. Pedia que passassem iodo em suas costas. À noite, delirava dizendo frases incompreensíveis em árabe, mas na manhã seguinte já estava pronto para trabalhar.

Dominava um arsenal terapêutico de fazer inveja a muitos curandeiros. Certo dia, ficou sabendo que um empregado muito eficiente e assíduo, o Agapito, não fora trabalhar pois sofria com as mãos feridas e pustulentas. Não havia pomada que o curasse. Nicolau foi procurado e recomendou a ele um remédio difícil, porém que se mostrou infalível. No dia seguinte, Agapito e ele seguiram para a praia da Boa Viagem, lá explicou o que deveria ser feito: “Mergulhe as mãos na água durante alguns minutos. Quando eu avisar, pegue a areia no fundo e esfregue nas feridas até sangrarem”. O “tratamento” levou o “paciente” às lágrimas. Na sequência, Agapito deveria socar folhas de saião e aplicar o suco nas mãos por três dias. Passados sete dias, estava curado e voltou a trabalhar. Agapito interrogou: “Patrão, que remédio brabo o senhor arrumou? O senhor é macumbeiro?”. Nicolau respondeu: “Aprende uma coisa, ferimento de terra se cura no mar, ferimento do mar só em terra é curável”.

Em outro episódio, dona Olímpia, antiga senhoria que se tornara amiga da família, foi tratada pelo “curandeiro” Nicolau de um eczema que cobria todo seu corpo. O tratamento recomendado: leite com sulfato de sódio, que curou a paciente em cinco dias. O remédio certo foi destaque, anos depois, em uma notícia do jornal “O Globo”, em entrevista de um médico que explicava os benefícios do sulfato de sódio como descongestionante dos canais renais e do fígado.

Infelizmente, as habilidades terapêuticas de Nicolau não trouxeram a cura para a esposa Essim, nem para ele próprio. Em um domingo, fazendo a feira de Inhaúma, sentiu fortes dores no peito e ânsias de vômito. Pensou em indigestão. Ficou quase duas semanas de cama até ser atendido por um

médico, o cardiologista Genival Londres, que proferiu o diagnóstico: angina pectorais. O tratamento era um medicamento, mais a recomendação de não fumar nem se empanturrar de comida. Wilson só se deu conta da gravidade da doença quando o pai pediu para que o acompanhasse à Ilha de Paquetá. Ele amava o mar e sentiu que a morte estava chegando. “O fim está próximo. Não posso nem mais conversar com meu amigo mar, nem acariciá-lo com minhas braçadas. Se pudesse, iria morrer no mar”, desabafou. O pai lamentava não ter realizado o sonho de ser marinheiro, assim como o filho, que acabou virando professor.

Em 19 de fevereiro de 1953, aos 58 anos, Nicolau Choeri faleceu. Em vida, não pode retornar à sua terra natal e rever o pai, Assad, mas o filho Wilson sabia que ele agora partiria para o Líbano. Já estaria em Beirute, se desculpando mentalmente com seus parentes que ficaram no Brasil, mas matando a saudade de seu chão. “Precisava ajoelhar-se debaixo do céu mais lindo, beijar o solo e pedir perdão por haver partido e só ter voltado tantos anos depois”, imaginava Wilson, ao se despedir do pai. ■



A capa da biografia de Nicolau Choeri, escrita por seu filho, o professor Wilson Choeri: “Nicolau, O Imigrante Que Não Queria Ser Mascate”

ALFREDO NASSER,

ACIMA DE TUDO, UM FORTE

Político apaixonado, engajado e militante na luta pela causa democrática, Alfredo Nasser nunca esmoreceu, mesmo diante dos revezes da vida. Hoje, seu legado é uma história de caráter e conquista

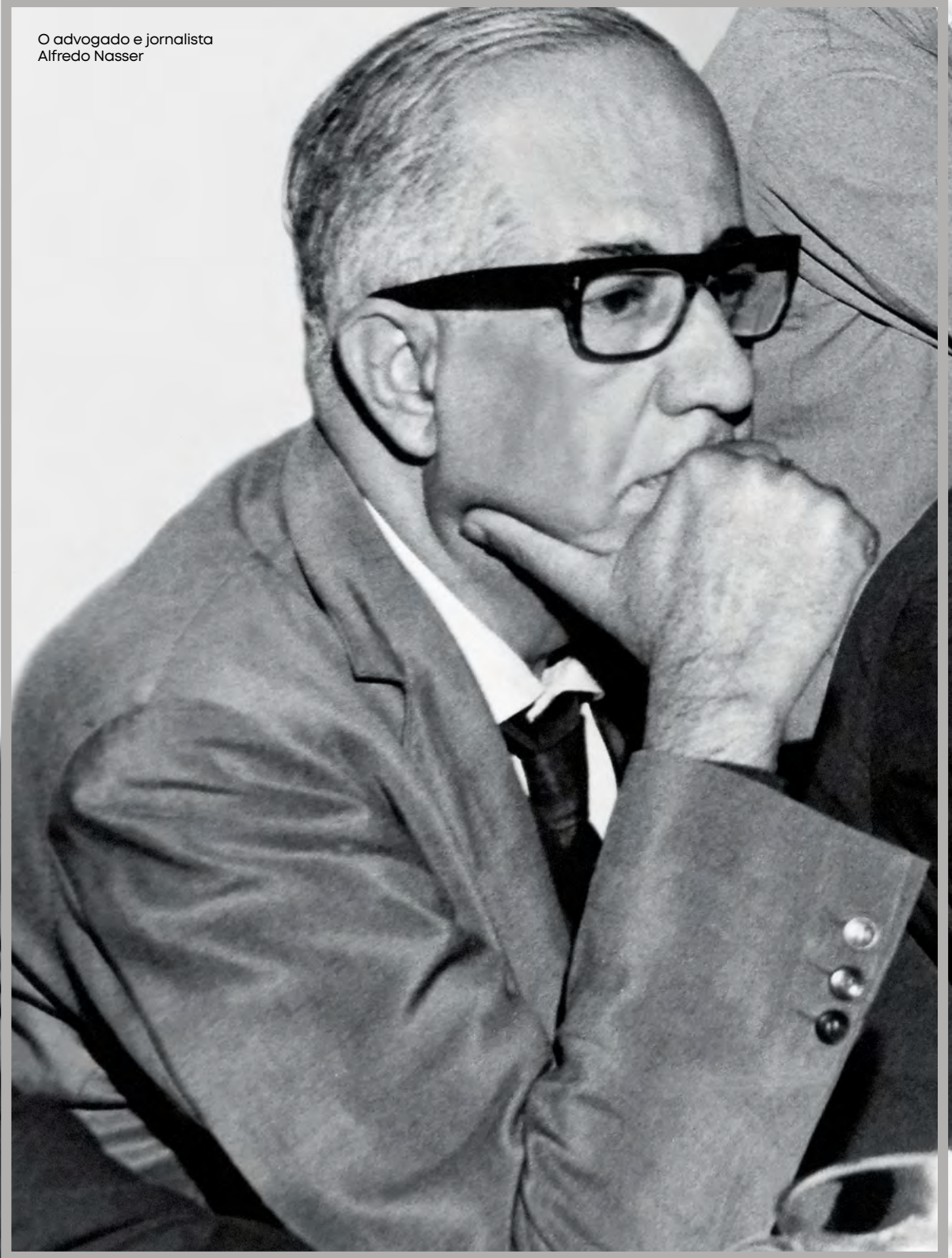
Uma pessoa simples, tímida, introspectiva, reservada. Um homem que lutou contra a ditadura militar no Brasil. Foi deputado estadual, federal e senador. Por duas vezes chegou a governar o país - durante o governo de João Goulart - quando nomeado ministro da Justiça e Negócios pelo então primeiro-ministro Tancredo Neves, entre 1961 e 1962

A trajetória pessoal, profissional e política do escritor, advogado e jornalista Alfredo Nasser (1907-1965), revela-se muitas vezes como um

emaranhado de fatos desconexos, indagações e "lendas" - por ele mesmo propagadas - originando todo tipo de dúvidas.

Nasser sobreviveu a várias lutas e perdas desde muito jovem: sua mãe, Abla Issa Nasser, libanesa da aldeia de Hakour, Akkar, norte do Líbano, faleceu aos 34 anos ao dar à luz a um dos filhos; seu pai, Miguel Ignácio Nasser, também nascido em Hakour, se foi aos 70 anos; dos irmãos, Zacarias morreu aos 19 anos, tragicamente levado pelas águas enquanto cuidava de um rebanho, e Gabriel, aos 52. As irmãs, Maria, Helena e Florinda faleceram aos 72, 68, e 70 anos, respectivamente. Apenas a primogênita, Ana, viveu além 90. Dos seis

O advogado e jornalista
Alfredo Nasser



FOTOS: ALBUM DE FAMÍLIA

Alfredo Nasser é considerado um dos **maiores oradores** do Estado de Goiás no século 20 e desde cedo demonstrou esse talento

irmãos, Gabriel e Ana eram libaneses. Alfredo era o quinto filho do casal Abla e Miguel. No Brasil, o primeiro trabalho de seu pai, como comerciante, não vingou. Miguel encontrou o meio de sustento para a família na área da agropecuária.

Uma das “lendas” sobre Nasser relaciona-se à sua cidade-natal: Caiapônia, em Goiás? Não. Nasser nasceu na cidade de São Paulo, em 30 de abril de 1907. Sem construir muitos laços de intimidade com amigos e parentes (a família se dispersou após a morte da mãe), na infância morou em Tupaciguara, Caiapônia, Goiânia (GO) e Uberlândia (MG). Passou a juventude entre São Paulo e Goiás Velho. No Rio de Janeiro viveu a maturidade e voltou a Goiânia, onde fundou, em 1952, o “Jornal de Notícias”.

Depois de sofrer um infarto em outubro de 1954, aos 49 anos, “ensauiu” uma vida em família, alugando uma casa em Goiânia, no antigo bairro Popular, tentando fazer dela um lar. Lá viveu com a irmã, Maria (solteira como ele), as sobrinhas, Consuelo e Stela, das quais tinha a guarda desde que saíram do internato, e mais cinco crianças. Conforme chegavam, adotava. Com ele e a irmã também morava Maria Cabral Arantes, mistura de enfermeira, secretária, namorada, confidente - ele a definia como a “amada e silenciosa presença”. Entretanto, analisando a vida de Nasser, sua família e seu lar foram, de fato, a política.

Alfredo Nasser é considerado um dos maiores oradores do Estado de Goiás no século 20 e desde cedo demonstrou esse talento. Aos 7 anos de idade foi chamado para falar em público, saudando o

bispo de Uberaba, dom Eduardo, futuro bispo de Goiás. Ao contrário do desejo do pai, que o queria tropeiro nas terras da família, o jovem sonhador desejava continuar os estudos - o que fez sem titubear, já demonstrando personalidade forte, lutadora, persistente.

Depois dos primeiros estudos, em Tupaciguara, também incentivado pelo irmão, Gabriel, Nasser chega a São Paulo aos 17 anos em meio à turbulência cultural da Semana de Arte Moderna de 1922, organizada por escritores como Graça Aranha, Oswald e Mario de Andrade, a artista plástica Anita Malfatti e o compositor Heitor Villa-Lobos. Na época, o sonho de ser engenheiro e estudar na Escola Politécnica da Universidade de São Paulo não se concretizou e Nasser se tornou professor de matemática e redator dos jornais “Folha da Noite” e “Folha da Manhã” - atual “Folha de S. Paulo”. Em 1927, se formou bacharel em Direito.

No ano seguinte, voltou a Goiás, prestou o serviço militar e lecionou no colégio Lyceu. À noite, atuava como principal redator do jornal “O Democrata”, dirigido pelo senador Antônio di Ramos Caiado, que por mais de vinte anos dominou o noticiário político de Goiás.

O talento para a escrita se revelou aos 20 anos, quando conquistou o primeiro lugar em um concurso literário organizado pelo “São Paulo Jornal”, com o conto “Volúpia”. Entre os jurados, estavam ninguém menos do que Mario de Andrade e Menotti del Picchia compunham o júri. A injustiça sofrida, ele transformou

Alfredo Nasser foi político dos mais respeitados em Goiás, em 35 anos de vida pública, fazendo oposição aos governos.



Como **ministro** da Justiça e Negócios, Alfredo Nasser lançou a pedra fundamental do Palácio da Justiça e criou a Polícia Federal

em textos como “Resposta a um político que também é padre” (originalmente intitulado “Resposta a padre Trindade”); “Velho, cardíaco e boêmio”; “Conversa íntima”; “Apontamentos autobiográficos”; “Adeus à vida”; “Via de regra o governo é ladrão”.

Político dos mais respeitados em Goiás, viveu 35 anos exercendo oposição aos governos. Quando Getúlio Vargas comandou a Revolução de 1930 e o golpe civil-militar, derrubando o então presidente Washington Luís, Nasser, determinado, militou contra o novo regime, sendo perseguido e preso.

Mesmo em situação desfavorável, não deixava de participar do movimento de resistência a Vargas, exigindo uma nova Constituição e eleições livres, e foi eleito deputado à Assembleia Constituinte de Goiás. Nasser teve participação importante como membro da Aliança Nacional Libertadora (ANL), criada no início de 1935, que reunia comunistas, socialistas, social-democratas e antifascistas. É quando funda o seu primeiro jornal, “A Coligação”. O segundo, “Jornal do Povo”, fundou um ano antes de ocupar o cargo de senador.

Com o fechamento dos legislativos, Nasser atua no jornal “A Razão”, em Goiás, proibido de circular pela ditadura já em seu primeiro ano de existência. Dois anos depois, no Rio de Janeiro, como professor de direito e editor da “Revista do Serviço Público” (ironicamente, um órgão que defendia Getúlio, onde Nasser conseguiu um cargo através de concurso público), estrategicamente evitou militar no

âmbito da imprensa para não cair nas “garras” do Departamento de Imprensa e Propaganda, o temido DIP, órgão censor do Estado Novo.

Com o fim das armadilhas antidemocráticas da era Vargas, em 1945 Nasser ocupou o cargo de suplente de deputado por Goiás, na Assembleia Nacional Constituinte, que promulga a nova Carta Constitucional. Em 1947, ex-companheiros manifestaram-se contra sua indicação à presidente da República e Nasser então assumiu o cargo de senador, aos 42 anos de idade. Como explicação para o não apoio a Nasser, os opositoristas alegaram: “Ele não tem dinheiro para sustentar a campanha”.

Como senador, durante o governo do presidente Eurico Gaspar Dutra, tornou-se membro da Comissão de Finanças, relator do plano de Saúde, Alimentação, Transporte e Energia (SALTE) e vice-presidente do Centro de Estudos e Defesa do Petróleo e da Economia Nacional, a favor do monopólio do Estado para a exploração das jazidas minerais do país.

Depois de submeter-se à escolha do Congresso, em 1951, e ser admitido por unanimidade, Nasser deixou o senado e assumiu o Conselho Nacional de Economia. Três anos depois, volta a Goiás, onde ministra aulas de retórica e oratória. No mesmo ano, sofreu a derrota na convenção para candidato a governador de Goiás. Além de perder, viu com amargor o Tribunal Eleitoral Regional (TRE) ignorar denúncias de fraudes na eleição que elegeu José Ludovico de Almeida.

Foi no dia da eleição, prejudicado pela

Como senador, Alfredo Nasser foi a favor do monopólio do Estado para a exploração das jazidas minerais do país



Ao final do seu ministério, doente, sem jornal e sem mandato: “Prefiro perder por falta de dinheiro a ganhar por falta de vergonha”

inoperância do TRE, que Nasser sofreu o infarto, sendo proibido pelos médicos de continuar na vida pública. Mesmo esquecido pelos antigos amigos, não se deixou abater e fundou o “Jornal de Notícias”, em São Paulo, que rapidamente se mostrou financeiramente inviável. Com o objetivo de mantê-lo, vendeu as últimas terras recebidas como herança de seu pai. Sua irmã, Maria, faz o mesmo para ajudá-lo. Com o dinheiro recebido e algumas poucas doações, ele conseguiu manter o jornal, no qual se consagrou na crônica política, publicando importantes artigos e reportagens.

Contrariando as recomendações médicas, retornou à vida pública elegendo-se deputado federal, em 1959. Atuou como vice-presidente da Comissão de Constituição e Justiça da Câmara Federal e presidente da Comissão Parlamentar de Inquérito (CPI), cujo objetivo era investigar irregularidades, subornos e extorsões no Departamento Federal de Segurança Pública. Na época, filiou-se ao Partido Democrático Trabalhista (PDT) e apoiou a mudança da capital federal para Brasília.

Quando o ex-presidente Jânio Quadros renunciou, em 1961, Nasser assinou uma nota, com outros parlamentares, na qual o grupo firmava a posição de prosseguir normalmente os trabalhos legislativos com a intenção de defender as instituições democráticas. Em seguida, já como ministro da Justiça e Negócios, lançou a pedra fundamental do Palácio da Justiça, criou a Polícia Federal, apoiou as relações comerciais entre Brasil

e Rússia - no auge da Guerra Fria - e defendeu a aproximação com os socialistas e os países ditos do Terceiro Mundo. Ao final do seu ministério, doente, sem jornal e sem mandato, declarou: “Prefiro perder por falta de dinheiro a ganhar por falta de vergonha”.

Em março de 1964, quando ocorreu o golpe militar, o então governador de Goiás, Mauro Borges, manda prender várias pessoas e Nasser luta contra a ação. No ano seguinte, mais uma vez perde a possibilidade de eleger-se governador do Estado de Goiás. O governador eleito, Otávio Lage, coloca-o à distância de qualquer cargo. A partir daí constantes crises de angina e depressão o levam a várias internações.

Seu reconhecimento na política veio finalmente em 1965, quando foi indicado pela Câmara Federal com seu representante na Conferência Internacional da Organização dos Estados Americanos (OEA), no Rio de Janeiro. Marcado por inúmeras lutas, vitórias, desassossegos, derrotas, idas e vindas, Nasser morreu às 11h do dia 21 de novembro do mesmo ano, sem chegar a participar do evento. Estava pobre e sem amigos, vivendo em um apartamento funcional em Brasília. Coincidência ou não (ou mais um enigma de sua vida?), havia 11 anos, exatamente às 11h, que ele sofrera o primeiro infarto.

Há um busto em sua homenagem na Assembleia Legislativa de Goiás. Enquanto escolas, ruas e avenidas em várias cidades do interior do estado levam o seu nome. ■

O LÍBANO QUER VOCÊ.

Agora ficou mais fácil e rápido
conseguir a sua dupla cidadania.

Saiba mais libano.gov.lb/



ARTIGO

Por Edmo Atique Gabriel*



FIQUE DE OLHO NA ALIMENTAÇÃO

O cardiologista conta como a escolha de alimentos saudáveis e um controle da rotina auxilia o equilíbrio da pressão arterial, chegando mesmo, em alguns casos, a evitar o uso de medicamentos

A hipertensão arterial representa um fator de risco cardiovascular silencioso, com sintomas muito inespecíficos e complicações muito graves, como infarto do miocárdio e derrame cerebral. Por ser silenciosa, a hipertensão arterial é adequadamente tratada de forma muito tardia, quase na iminência de um evento cardiovascular fatal.

No contexto do tratamento da hipertensão arterial, antes mesmo de se pensar em medicamentos complexos, associações entre medicamentos e terapias mais modernas, deve-se avaliar, com muita propriedade, o padrão alimentar das pessoas. Muitas vezes, um ajuste da rotina alimentar pode ser suficiente para melhorar e até normalizar os níveis diários da pressão arterial.

Do ponto de vista nutricional, uma primeira medida preventiva na contenção de níveis pressóricos elevados é incentivar que as pessoas mantenham a rotina de três refeições diárias. Esta rotina de três refeições é mais salutar para o ritmo intestinal, para o funcionamento dos rins e para o metabolismo energético. Com isto, o organismo pode por si só manter auto-equilíbrio da pressão, sem grandes variações.

O conhecimento das propriedades e efeitos colaterais do consumo dos alimentos também é um forte aliado no controle da pressão arterial. Vale ressaltar que os alimentos são medicamentos naturais, com propriedades anti-inflamatórias, antioxidantes e antimicrobianas. Logo, o segredo é saber escolher os melhores alimentos.

Algumas recomendações quantitativas e qualitativas acerca dos alimentos devem ser seguidas rotineiramente, permitindo dessa forma um melhor controle da pressão arterial:

- Alimentos ricos em água (facilitam a diurese e a eliminação de toxinas vegetais, como pepino e algumas frutas como melão e melancia)
- Alimentos com baixo teor de sódio. Evitar os refrigerantes, carnes e frios processados e defumados, alimentos contendo aditivos ou temperos artificiais
- Evitar alimentos ou líquidos ricos em cafeína e xantinas. Para isso reduzir o consumo diário de café, alguns tipos de chá (chá verde, chá mate), chocolates com baixo teor de cacau, bebidas energéticas, refrigerantes ricos em estimulantes.
- Evitar alguns alimentos como pipoca muito salgada ou doce, amendoim, batata em pacotes, biscoitos e salgados
- Muita atenção para alimentos ricos em ácido úrico, uma vez que o ácido úrico excessivo contribui para elevação da pressão arterial. Alguns alimentos ricos em ácido úrico: feijão, frutas como uva, carnes vermelhas, vísceras, molhos gordurosos, queijos gordurosos e frutos do mar.

Um acompanhando periódico com um cardiologista e até mesmo com um nutrólogo permite alinhar algumas orientações dietéticas com alguma recomendação medicamentosa.

Nos dias atuais é possível adotar hábitos de vida saudáveis por meio da escolha dos melhores alimentos, prevenindo desta forma complicações como à hipertensão arterial. ■

*Edmo Atique Gabriel é médico cardiologista

FOTO: DIVULGAÇÃO



Prof. Dr. Edmo Atique Gabriel

CRM 105226

Cardiologia e Cirurgia Cardiovascular

Orientador de Nutrologia e Longevidade

Professor Livre-Docente com Especialização nos EUA

Coordenador Curso de Medicina Unilago de São José do Rio Preto

Conselheiro da Comissão Nacional de Residência Médica e Comissão Nacional de Supervisão de Escolas Médicas

Membro do Corpo Clínico do Hospital do Coração de São Paulo, Hospital Sírio-Libanês, Hospital Albert Einstein

Atendimento semanal nas cidades de São José do Rio Preto e São Paulo

Atendimento programado no Rio de Janeiro e Brasília

CONTATOS

www.drgabrielcardio.com.br

Consultório São José do Rio Preto: (17) 35121970

Consultório São Paulo: (11) 25922920 ou (11) 970943029

Consultas no Rio de Janeiro ou Brasília: (11) 983780126



Rubem Duailibi, João Doria e Roberto Duailibi



Raul e Márcia Cutait



Roberto Duailibi e Zuza Homem de Mello



Roberto Duailibi, à dir., recebe o governador João Doria



Roberto Duailibi



Maurício de Souza e João Carlos Martins

INTELLIGENTSIA & PODER

Políticos, intelectuais e artistas deram o tom no jantar oferecido ao governador de São Paulo, João Doria, pela Academia Paulista de Letras. O cenário escolhido para a noite foi o salão privado do restaurante Cantaloup, no Itaim Bibi, com seu menu internacional contemporâneo



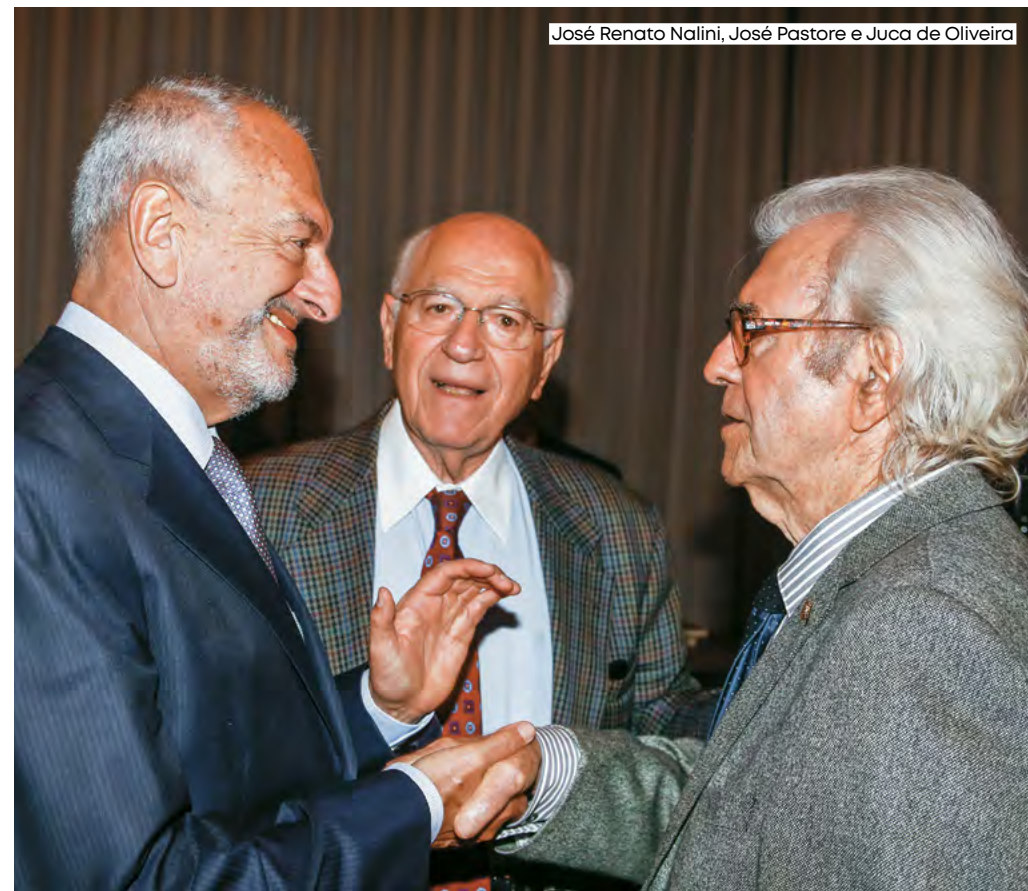
José Renato Nalini, João e Bia Doria e Roberto Duailibi

FOTOS: DIVULGAÇÃO

Políticos, intelectuais e artistas deram o tom no jantar oferecido ao governador de São Paulo, João Doria



Roberto Duailibi, Vittoria e Rubem Duailibi, e Anna Maria Martins



José Renato Nalini, José Pastore e Juca de Oliveira



Carlos Taufik Haddad



Antônio Rizeque Malufe



Dom Fernando Figueiredo e Miguel Reale Jr.



Anna Maria Martins, Zuza Homem de Mello e Júlio Medaglia



Maria Ignez e Rubens Barbosa



Bia e João Dória

O cenário escolhido para a noite foi o salão privado do restaurante Cantaloup, no Itaim Bibi

OS MIL E UM AROMAS DO MUNDO ARABE

A história da brasileira, de origem italiana, que se apaixonou pelas fragrâncias do Oriente e hoje é a responsável pela Al Zahra, que traz perfumes e outros luxuosos encantos para o Brasil

Arquiteta Júlia de Biase não poderia imaginar que seu destino estaria no Oriente. Com avós italianos, Júlia fez uma viagem para o Oriente Médio, em 2008, que transformou sua vida e seu destino. Ela conheceu a Jordânia, a Síria e Dubai e se apaixonou pelos seus aromas, como o âmbar e os incensos. Eram as fragrâncias que pairavam nos hotéis, nas ruas, nos aeroportos, nas lojas e exerceram verdadeiro fascínio sobre a turista brasileira que acabou trazendo alguns frascos na bagagem. Desde então, os perfumes do Oriente não mais saíram de sua vida.

A história de amor da dona da Al Zahra, loja especializada em perfumes orientais localizada em um dos pontos mais nobres da capital paulista, a esquina das ruas Oscar Freire e Melo Alves, teve muitos capítulos até chegar ao final feliz.

No ano seguinte à viagem, Júlia passou por dois episódios marcantes: uma separação e uma

consulta com uma astróloga que fez seu mapa astral. Na época, a astróloga sentenciou: “Você vai trabalhar com algo muito sutil e ligado à beleza”. Para a arquiteta parecia impossível uma guinada na carreira, mas sua paixão por viagens e perfumes do Oriente acabou rendendo uma nova profissão, que se transformou em verdadeira missão: trazer aqueles aromas sedutores para serem vendidos no Brasil.

Para chegar até o seu destino, em 2010 Júlia fez uma viagem à Índia, onde conheceu spas ayurvedas e se encantou ainda mais pelos aromas do Oriente, como sândalo, jasmim e Oud, uma madeira utilizada na perfumaria desde a Antiguidade, há mais de 4 mil anos. Ao retornar, veio com 10 frascos de perfume e uma promessa: a de não deixar que esses aromas acabassem.

Por isso começou a procurar no Brasil e não encontrou nenhuma empresa que representasse esses perfumes em toda a América Latina. Assim, decidiu entrar em contato com o fabricante original e se ofereceu para comercializá-los aqui. A tarefa exigiu muita persistência e coragem de Júlia, que teve de ir

A empresária Júlia de Biase em traje árabe



FOTOS: DIVULGAÇÃO



Além dos perfumes de grifes, a Al Zahra também criou uma marca própria, com quatro fragrâncias cuidadosamente selecionadas pela própria Júlia e elaboradas nos Emirados Árabes

a Dubai pessoalmente para apresentar suas intenções junto ao fabricante. “Levei comigo um pequeno estudo sobre o mercado de luxo no Brasil e dados sobre os descendentes árabes e muçulmanos que vivem aqui”, conta. Depois da reunião, o gerente-geral da empresa entregou a ela uma folha de papel manuscrita com um esboço de um contrato de representação.

De volta ao Brasil, Júlia decidiu fazer uma nova consulta com a astróloga, que mais uma vez falou: “Você vai abrir sua empresa, vai trabalhar como um camelo e seus perfumes só vão se tornar conhecidos em 2013 e 2014”. O ano era 2010, mas a previsão não desestimulou a hoje empresária brasileira. Ao contrário.

Levou tempo até conseguir as licenças necessárias e a aprovação da Anvisa, que requereu até as fórmulas originais dos produtos. Para conseguir-las, Júlia precisou solicitar pessoalmente na empresa no Bahrein e foi novamente questionada: “Por que a senhora quer levar esses perfumes para o Brasil?”. A resposta serve quase como um mantra para Júlia: “Porque esses perfumes modificaram minha vida e eu acredito que posso fazer com que mude também a vida de outras pessoas”.

A MASCATE DA BELEZA

Só em fevereiro de 2012, Júlia conseguiu fazer sua primeira importação. Foram 13 mil frascos, que acabaram ficando disponíveis somente em dezembro. Afinal, Júlia não tinha loja, não tinha revendedor, só tinha vontade de trazer os perfumes para o Brasil. “Comecei a vender em dezembro, indo nas casas de amigos e conhecidos para fazer reunião com homens e mulheres, explicando a história e as origens da perfumaria oriental e tudo o que esses ingredientes poderiam modificar na vida de uma pessoa. Viajei por todo o Brasil como uma mascate, como os antigos árabes faziam, os primeiros imigrantes que vieram para o País”, recorda.

Em 2015, ela finalmente inaugurou sua loja em São Paulo, a primeira do Brasil especializada em marcas orientais, com grifes como Asgharali, Arabian Oud e Ard Al Zaafaran. O toque amadeirado dos aromas orientais despertou a curiosidade e o interesse dos consumidores brasileiros, e não apenas os de origem árabe. Uma característica do mundo oriental é que não existem perfumes femininos e masculinos. Perfumes são unissex. Júlia percebe atualmente uma tendência de expansão desse tipo de aroma, até nas perfumarias e grifes mais tradicionais, que vêm buscando seus ingredientes no Oriente.

Além dos perfumes de grifes, a Al Zahra também criou uma marca própria, com quatro fragrâncias cuidadosamente selecionadas pela própria Júlia e elaboradas nos Emirados Árabes. Júlia também passará a vender cremes e body creams com os mesmos aromas.

A diversificação veio depois, quando a empresária percebeu a necessidade de introduzir outros produtos ligados à cultura árabe. Pesquisou em diversos países e acabou trazendo as tâmaras da marca Al Foah, dos Emirados Árabes. “Se não existisse a tamareira, não existiriam os países do Golfo. No deserto, ela é a única fruta que nasce e serve tanto para o sustento dos humanos, quanto dos animais”, explica. Além das tâmaras, este ano ela lançou o xarope de tâmaras Date Crown, considerado o mel de tâmaras, feito com frutas secas in natura.

Agora Júlia quer ir além, transformando sua loja na verdadeira casa do Oriente Médio no Brasil. “Aqui você vai encontrar de tudo. Uma poltrona, um lustre, todos os trabalhos artesanais feitos no mundo oriental, sem deixar de lado os perfumes e aromas que tanto encantam”, avisa a ousada empresária. ■

Endereço: Al Zahra, rua dr. Melo Alves, 490, São Paulo, Fone: 011 3857 7523



Al Zahra, a nova loja dos Jardins, em São Paulo, especializada em perfumes e aromas árabes

CRÔNICAS DE UMA VIDA INTEIRA

Ela assina crônicas no “Diário da Região”, jornal de São José do Rio Preto, e membro da Academia de Letras do Brasil

Em 1990, a jornalista Elma Eneida Bassan Mendes escreveu a crônica “Pai, Começa o Começo” que repercutiu na época e repetiu a façanha agora, viralizando nas redes sociais. Formada pela PUC da Campinas em 1983, no ano seguinte Elma criou a primeira Assessoria de Comunicação Empresarial de São José do Rio Preto (SP), no Instituto de Moléstias Cardiovasculares (IMC).

Cronista inspirada, ela publicou três livros: “Mulheres em Cores e Poemas” e “Crianças em Cores e Crônicas”, em 2016, e Bem Me Quer Versos e Flores, em 2018, pela THS Editora. É também idealizadora do livro “Palavra de Pai - Crônicas de Abel Silveira Mendes” (Casa do Livro Editora, 2001), além de organizar e escrever os prefácios para “Millenium” (Editora Rio-pretense, 2000) e “Crônicas de Um Médico do Sertão” (THS Editora, 2009), ambos de Domingo Braile. Suas crônicas foram publicadas em dezenas de jornais e revistas e participou das coletâneas “Prosas e Versos de Natal” (Casa do Livro Editora, 2000);

“Sonhos de Natal (Casa do Livro Editora, 2001); e 166 Escritores Convidados e Outros Escolhidos por Lelé Arantes – Poesias Contos Crônicas” (THS Editora, 2018). A crônica “Pai, Começa o Começo” está incluída no best-seller “Problemas? Oba!”, de Roberto Shinyashiki (Gente Editora, 2011). O assunto de seu próximo livro, que deve ser lançado em setembro, pela Editora Serifa, é a biografia de um dos mais importantes cirurgiões cardíacos do Brasil, o professor doutor Domingo Braile.

Ela assina crônicas no “Diário da Região”, jornal de São José do Rio Preto, e membro da Academia de Letras do Brasil. Em julho passado assumiu a presidência para o ano 2019-2020 do Rotary Club de São José do Rio Preto, um dos mais antigos do Brasil, com 82 anos de fundação. Entre seu os projetos para este ano estão os de arrecadação humanitária e de fortalecimento da Fundação Rotária, que tem como umas das ênfases globais, a erradicação da poliomielite.

Elma Eneida Bassan Mendes é casada com José Valdenir Mendes e tem dois filhos, Tales e Tássio Mendes, e duas noras, Livia e Ana Livia. ■

A jornalista e escritora Elma Eneida Bassan Mendes



FOTO: DIVULGAÇÃO

CHARME, ELEGÂNCIA E EMPODERAMENTO

“Seu trabalho e sua perseverança ressaltam a importância, para nós mulheres, da causa que ela defende”



A consulesa do Líbano, Fernanda Diehl, com Gisele, Terese e Dioni Saade, Katia Chalita, Phenicia Saade, a anfitriã Mireille Saade, a homenageada Claudine Aoun Roukoz, Madeleine Saade, Adela Saade, Micheline Tohme, Sou Harb e Andréa Saade

FOTOS: DIVULGAÇÃO



Claudine Aoun Roukoz, com o grupo carioca que a prestigiou durante almoço no hotel Belmond Copacabana Palace, Rio

Um grupo de mulheres da comunidade brasileiro-libanesa prestigou o movimentado almoço oferecido por Mireille Saade para a amiga libanesa Claudine Aoun Roukoz, no hotel Belmond Copacabana Palace, no Rio de Janeiro.

Claudine, filha e assistente especial do presidente do Líbano, general Michel Aoun, esteve recentemente no Rio à frente de um projeto de cooperação social entre Beirute e a capital carioca. Presidente do Conselho Supremo das Mulheres Árabes (AWO) e da Comissão Nacional Para as Mulheres Libanesas, ela foi saudada pela empresária brasileira, anfitriã e amiga: “Seu trabalho e sua perseverança ressaltam a importância, para nós mulheres, da causa que ela defende”. ■

الحياة بغير الحب كشجرة بغير



al zahra

"Uma Vida sem Amor é como árvores sem flores e sem frutos
E um Amor sem beleza é como flores sem perfume.
Vida, Amor, Beleza: eis a minha trindade"

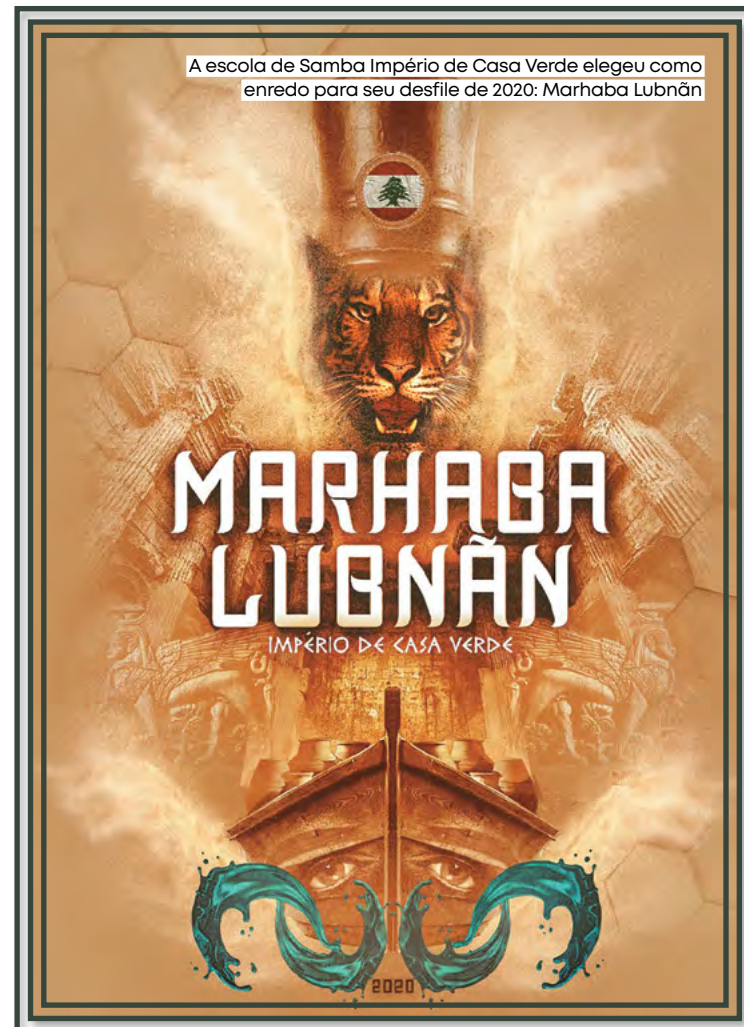
Gبران Khalil Gibran

A primeira loja especializada em fragrâncias orientais de São Paulo

website: itsalzahra.com facebook / [itsalzahra](https://www.facebook.com/itsalzahra) instagram @ [itsalzahra](https://www.instagram.com/itsalzahra)



Rua Dr. Melo Alves, 490 [Esquina Com Oscar Freire]



A escola de Samba Império de Casa Verde elegeu como enredo para seu desfile de 2020: Marhaba Lubnân



Grupo 1001 Noites ao lado da rainha e da madrinha de bateria da Império de Casa Verde, Valeska Reis e Theba Pityla, e do casal de mestre sala e porta bandeira, Rodrigo e Jessica

Muita história e samba no pé!

Noite esfuziante no clube Monte Líbano paulistano, para apresentar à comunidade libanesa a homenagem que a Império da Casa Verde faz, em seu desfile do Carnaval 2020, ao país “dos cedros milenares”

O samba pediu passagem e foi mais que bem recebido em um dos mais tradicionais clubes da capital paulista, na noite de 22 de agosto. O Clube Atlético Monte Líbano abriu as portas para os compositores, músicos, ritmistas e passistas da Escola de Samba Império da Casa Verde - uma das mais tradicionais e queridas agremiações do Carnaval paulistano - que elegeu como enredo para seu desfile de 2020: Marhaba Lubnân, uma homenagem ao Líbano, “o país dos cedros milenares”, e sua ligação secular com o Brasil.

Enquanto rainha e a madrinha da bateria, as estonteantes Valeska Reis e Theba Pityla, atraíram

todas as atenções, músicos árabes e sambistas brasileiros realizavam um mix de ritmos, um encontro de culturas, que não deixou ninguém ficar parado. Foi uma noite de samba no pé com gingado do Oriente Médio. Os anfitriões da noite, o jornalista Beto Saad e o cônsul honorário do Líbano em Campinas, Miled Houry, eram pura emoção. “É a realização de um sonho para a comunidade libanesa poder levar para a maior festa popular brasileira um pouco da alegria e cultura do nosso povo”, foi a declaração da dupla.

Quem assina o enredo é o carnavalesco Flavio Campello e ele se propôs “modestamente” a cantar e dançar na passarela do Sambódromo “sete mil anos de História”. Em seu eloquente resumo para orientar toda a criação e a materialização do

“O povo hospitaleiro reúne-se para um bate-papo, jogar cartas, contar histórias e as novidades do dia, tudo acompanhado de saborosas frutas, doces; uma gastronomia única e um bom café ‘Super Brasil’”

desfile, Campello fala das “vinte e duas civilizações que contribuíram para a construção de uma nação que emana na sua alma o brilho do Oriente com as marcas do Ocidente”.

A seguir, os highlights do enredo:

“Um pequeno país do Oriente Médio, conhecido como ‘o país dos Cedros milenares’. Surge na junção de três continentes: Europa, Ásia e África. Entre várias definições, seu nome exprime a beleza das montanhas de cumes brancos de neve no inverno e das pontas de calcárias que brilham ao sol no verão, que em língua demora traduz-se como ‘Lubnân’ (branco). Seu nome é encontrado em caracteres cuneiformes babilônicos e em hieróglifos egípcios que datam de 2 mil anos A.C.”

“Na bíblia, é citado 72 vezes. Jesus Cristo, e vários profetas, passaram por lá, o que faz desse pequeno país parte da “Terra Santa” para as três maiores religiões monoteístas: Judaísmo, Cristianismo e Islamismo.”

“Sofreu ao longo da sua história considerável número de invasões, o que explica a multiplicidade étnica contemporânea. Fenícios, hititas, assírios, hebreus, árabes, egípcios, curdos, turcos, gregos, romanos, babilônicos e até uma boa dose de sangue europeu quando os Cruzados chegaram à região, na Idade Média. Bem como o sangue latino-americano, devidos às quando das emigrações e o posterior retorno dos emigrados ao Líbano.”

“Cada comunidade religiosa tem suas tradições e costumes. Na montanha, ouve-se você os sinos

das igrejas cristãs que se misturam às vozes dos ‘muezzins’ (o arauto das mesquitas que chamam os muçulmanos à oração) entrelaçando-se num eco profundo e formando um canto que é quase um lamento, como uma música ao Criador do Universo, uma verdadeira sinfonia a céu aberto.”

“O povo hospitaleiro reúne-se para um bate-papo, jogar cartas, contar histórias e as novidades do dia, tudo acompanhado de saborosas frutas, doces; uma gastronomia única e um bom café ‘Super Brasil’.”

“A capital, Beirute, é no Oriente o último santuário onde o homem pode se vestir de luz...”

“A fênix é uma ave mitológica, símbolo da imortalidade: a única que pode viver mil anos. Segunda a lenda, a fabulosa ave vinha da Índia visitar o Líbano a cada cem anos, onde se queimava em âmbar e incenso para renascer de suas cinzas ao cabo de três dias e logo regressar à terra natal. Uma alegoria da história do Líbano que, no decorrer dos séculos e milênios, nasce e renasce depois de várias destruições. Beirute, assim, conquistou o título de ‘A Cidade que se recusa a desaparecer’.”

“Segunda a lenda, foi em Beirute que Jorge da Capadócia teria matado o dragão, se tornando padroeiro da cidade. Os muçulmanos chamam-no de ‘Khodr’, e tal como entre os cristãos há mesquitas e pessoas que se chamam ‘Jorge’ em homenagem ao grande guerreiro.”

“E seu perfume será como o odor do Líbano... E serão famosos como o vinho do Líbano”.



Rodrigo Antônio e Jessica Ghoz, mestre sala e porta bandeira da Império de Casa Verde

“Escavações arqueológicas encontraram sementes de uva que datam da Idade da Pedra, indicando que o vinho já era produzido nessas terras... Não é a toa que romanos construíram em Baalbek, o maior templo ao Deus do Vinho: Baco!”

“Hoje, o Brasil se torna mais libanês, a pátria que mais acolheu libaneses no mundo, que o Império de Casa Verde honrosamente apresenta e nos saúda com as boas vindas: Marhaba Lubnân! Unindo as águas do Mar Mediterrâneo e do Oceano Atlântico, selando a alegria de uma nação Libanesa-Brasileira com certeza”.

Integrante do Grupo Especial das Escolas de Samba de São Paulo, a Império da Casa Verde coloca o Líbano para sambar sua história no amanhecer do dia 21 de Fevereiro, de 2020, por volta das 5h00.

Pode começar a esquentar os tamborins. ■



Miled Khoury, cônsul honorário do Líbano em Campinas, Ricardo Batah, Alexandre Furtado, presidente da Império de Casa Verde e o jornalista Beto Saad

UMA VOZ PELO LIBANO

Festival do Cedro chamou atenção para os Direitos Humanos com a ajuda do maior tenor da atualidade



Andrea Bocelli planta árvore na floresta do Cedro, no Líbano, com o apoio de sua mulher, Veronica Berti



Bocelli recebe da deputada libanesa, Sethrida Geagea, medalha em ouro 18 quilates, na abertura do festival que contou com uma plateia de 6 mil pessoas



FOTOS: DAHER CHAMOUN

“Em nossa **amada terra** natal todos nós compartilhamos um estado diário de luta, a luta do cidadão para permanecer, sobreviver e **viver com dignidade**”

O tenor italiano Andrea Bocelli foi a presença ilustre e a grande atração da noite de abertura do Festival Internacional do Cedro, dia 29 de junho, em Bsharri. Evento anual

organizado pela deputada libanesa Sethrida Geagea, tem “Luta” como tema desta edição. A Luta do povo libanês, em seu país, pelos direitos humanos, sociais e de subsistência. “Em nossa amada terra natal todos nós compartilhamos um estado diário de luta, a luta do cidadão para permanecer, sobreviver e viver com dignidade”. Bocelli, que fincou raízes no Líbano, plantou uma árvore na floresta de cedros, a reserva de Arz ar-Rabb, em Bsharri, no norte do país. Sethrida Geagea na abertura do evento, presenteou Andrea Bocelli com uma medalha em ouro 18 quilates.

O Festival Internacional do Cedro, realizado desde 1963, foi interrompido nos anos setenta do século passado devido à guerra que estava devastando o Líbano na época. Nesses dias, o festival foi realizado dentro dos “cedros da floresta divina” e muitos ícones e astros libaneses de música se apresentaram nesta etapa: Wadih Safi em 1963, Fairouz & Irmãos Rahbani em 1964 e 1967, Sabah em 1971. ■

QUANDO O GALÊS LAWRENCE CONSPIROU PELA REVOLTA ÁRABE

Famoso sobretudo pelo filme *Lawrence da Arábia* - vencedor do Oscar de 1962 - Thomas Edward Lawrence foi personagem importante tanto para a Primeira Guerra Mundial quanto para o mundo árabe

Ao visitar o monumental Musée de l'Armée, na célebre Esplanade des Invalides, à margem esquerda do rio Sena, que banha Paris, no inverno europeu de 2005, por ocasião dos festejos dos 60 anos do final da Segunda Guerra (1940 - 1945), eu e minha esposa, a dona Andrea, nos deparamos à entrada com o pavilhão dos cinco aliados vitoriosos no conflito. Ficamos maravilhados e orgulhosos ao vermos tremular ali a bandeira do Brasil, alinhada às dos Estados Unidos, União Soviética, Grã-Bretanha e, bien sûr, França - do general Charles de Gaulle (1890 - 1970), que bravamente se insurgiu contra a ocupação de seu país pelas tropas de Berlim. É raramente exaltado aqui, infelizmente, o feito dos 'pracinhas' brasileiros na frente peninsular, combatendo as hostes da Itália fascista do Duce Benito Mussolini (1883 - 1945) e da Alemanha nazista do Führer Adolf Hitler (1889 - 1945) - e, por isso, nos comoveu tanto ver a bandeira nacional hasteada à entrada do Musée de l'Armée. O Brasil, aliás, participara também da Grande Guerra (1914 - 1918) - como é chamada a Primeira Guerra - e ainda Portugal que, no entanto, manteve-se 'neutro' no confronto seguinte. Ambos se bateram, no início do século passado, ao lado dos aliados de então, reunindo Grã-Bretanha, França, Rússia,

Bélgica, Itália, Sérvia, Romênia, Estados Unidos e Japão - que derrotaram alemães e prussianos (nacionalidade desaparecida desde a Segunda Guerra após a anexação da Prússia à União Soviética e Polônia), juntamente com os súditos dos impérios Austro-Húngaro e Turco-Otomano (entre os quais estavam os países de língua árabe e a eslava Bulgária). Um dos personagens mais misteriosos que marcaram a Grande Guerra, bem como todo o século 20, foi Thomas Edward Lawrence (1888 - 1935), o legendário Lawrence da Arábia, de estatura baixa, medindo 1,66 de altura, nascido na pequena localidade de Tremadoc, no País de Gales, território da Grã-Bretanha, filho de pai irlandês e considerado, acertadamente, um dos principais incentivadores do nacionalismo árabe - com o escopo de dividir o reduto do sultanato istambulota.

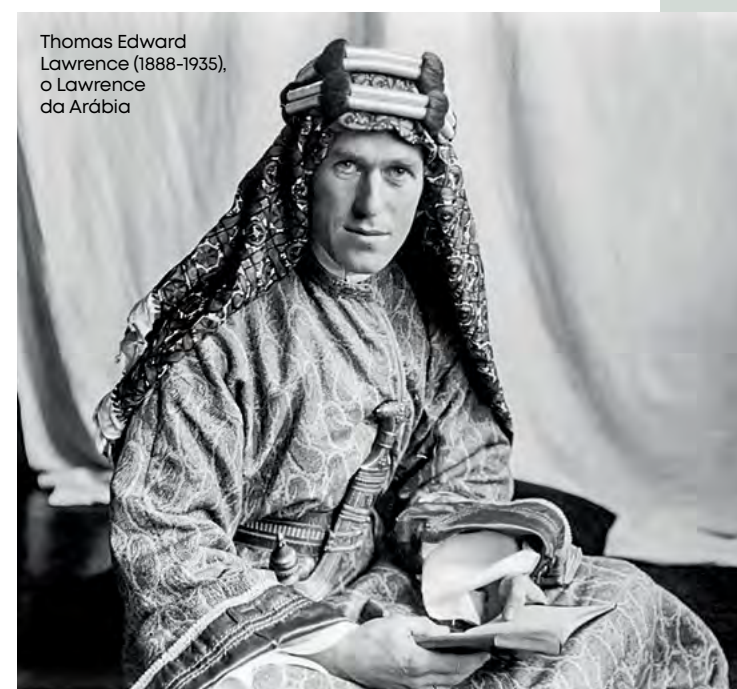
Como oficial britânico, com a patente inicial de tenente, o galês teve participação destacada sobretudo nas vastíssimas áreas do Deserto da Arábia, compreendendo partes da Síria, Jordânia, Iraque, Omã, Kuwait, Qatar, Iêmen e a atual Arábia Saudita, onde estão as cidades, sagradas para o Islã, de Meca e Medina. Foi ele quem mais se empenhou em convencer os compatriotas, comandados na região pelo astucioso general Edmund Allenby (1861 - 1936), a apoiar o poderoso



Xerife da Meca, Hussein Ibn Ali (1854 - 1931), da dinastia Hachemita, na sua cruzada para liberar do jugo dos paxás otomanos os territórios sagrados muçulmanos, que se estendiam inclusive à bíblica Jerusalém. O impetuoso Lawrence, para além de oficial regular, era a rigor diplomata vinculado ao Foreign Office, o britânico Ministério dos Negócios Estrangeiros, mas principalmente atuava como agente secreto, infiltrado muitas vezes nas linhas inimigas sob o 'disfarce' de arqueólogo, outra de suas paixões. Entretanto, como percalços do ofício, seria preso pelas forças da Sublime Porta de Istambul, ao ser descoberto conspirando junto a líderes arabistas na cidade de Deraa, ao sul da Síria, próxima à fronteira com o Líbano, Israel e Jordânia. Ele teria sido, na ocasião, barbaramente açoitado e depois seviciado por diversos soldados otomanos - conforme relataria em seu livro autobiográfico "Os Sete Pilares da Sabedoria", publicado em 1922, em Londres, abrangendo as intrépidas aventuras como defensor dos povos de língua árabe que se levantariam, logo após a Grande Guerra, contestando o domínio turco. Contribuía, ativamente, para a chamada Revolta Árabe, de 1916 a 1918, contra o sultão turco Mohamad 5 Rachid (1844 - 1918).

O pan-arabismo surge, na verdade, no século 19, com Al-Nahda. Árabe, ou seja, o Renascimento Árabe, em contraposição ao pan-islamismo, representado à época pelo califado dos sultões otomanos - e que, nos nossos dias, voltou a predominar com os inúmeros movimentos maometanos, entre os quais o autointitulado Estado Islâmico e fundamentalistas insuflados

Lawrence teve participação destacada no Deserto da Arábia, compreendendo partes da Síria, Jordânia, Iraque, Omã, Kuwait, Qatar, Iêmen e a atual Arábia Saudita



Thomas Edward Lawrence (1888-1935), o Lawrence da Arábia

por setores mais intransigentes de países como Irã, Afeganistão, Paquistão, Bangladesh, Indonésia, a própria Turquia e mesmo em nações do universo da Liga Árabe. O pan-arabismo floresceu, primeiro, entre intelectuais libaneses cristãos, impulsionado por idealistas das comunidades maronita, ortodoxa e melquita, na capital do país, nos campus da Universidade Católica de Saint-Joseph, dos Jesuítas, no centro da metrópole e na protestante Universidade Americana, em Ras Beirute. Destacou-se aí a liderança do maronita Boutros al-Boustani (1819 - 1893). Ganharia também vários adeptos na vizinha Damasco, capital da Síria, atingindo seu esplendor no Cairo, inspirada no estudioso muçulmano sunita Rifa'a el-Tahtawi (1819 - 1893), homem de confiança do soberano do Egito, o albanês Muhammad Ali (1769 - 1845), que comandou insurreições contra Istambul. O nacionalismo árabe, no entanto, só começaria a conquistar o poder em seguida à Grande Guerra, impulsionado por Lawrence - e, na década de 1930, por um intelectual damasceno, o ortodoxo Michel Aflak (1910 - 1989), que esteve exilado em São Paulo, entre 1966 e 1968, e influenciaria o líder egípcio Gamal Abdel Nasser (1918 - 1970),



O oficial britânico em vários momentos durante sua atuação no Deserto da Arábia



Lawrence só se tornaria celebridade mundial, contudo, ao ser ‘descoberto’ durante a Revolta Árabe por um jornalista americano, Lowel Thomas

inegavelmente o mais popular de todos os nacionalistas árabes. Muito mais carismático, sem dúvida, do que a da família que controlava a Meca à época em que lá esteve o oficial britânico.

Lawrence só se tornaria celebridade mundial, contudo, ao ser ‘descoberto’ durante a Revolta Árabe por um jornalista americano, Lowel Thomas (1892 – 1981), enviado especial de uma produtora de jornais cinematográficos ao Oriente Médio, acompanhado de um cameraman. Thomas daria notoriedade ao britânico ao mostrá-lo aos curiosos espectadores das salas de cinema dos Estados Unidos, no papel de relevante oficial de ligação com os revoltosos liderados por dois dos filhos do Xerife da Meca. Um deles era Abdulah (1882 – 1951), coroado mais tarde soberano da Transjordânia, atual Jordânia, assassinado na Mesquita de Al-Aqsa, em Jerusalém, ironicamente por um nacionalista árabe. E o outro, Faïçal (1885 – 1933), proclamado inicialmente rei das Terras Árabes, com sede em Damasco, capital da Síria, e depois monarca do Iraque. Os herdeiros hachemitas de Hussein Ibn Ali posteriormente

seriam desalojados de Meca pelos britânicos e ficariam com os territórios do Iraque e da Jordânia. Mas com a proclamação da República no Iraque, em 1956, os hachemitas permaneceriam no poder somente na Jordânia. A Arábia seria ‘repassada’ pela diplomacia londrina, influenciada por Lawrence, à família Saud, originada de antigos nômades do Deserto da Arábia, ganhando assim o título de Reino da Arábia Saudita – uma referência explícita ao nome da dinastia. Lawrence Seria promovido a Tenente-Coronel, no final da Grande Guerra, e morreria aos 47 anos tragicamente, em um acidente de moto, próximo à base militar de Bovington, no interior da Inglaterra. Desapareceria envolto no próprio mistério e seria, para sempre, um dos protagonistas do primeiro conflito mundial. ■

**Albino Castro é jornalista e estudioso das questões do Cristianismo Oriental*

FOTOS: DIVULGAÇÃO E WIKIMEDIA COMMONS



CARMO COURI

Engenharia Ltda

Av. Álvares Cabral, 1345- 10º andar | Lourdes
Cep 30.170-001 | Belo Horizonte- MG

(31) 3299-3000

CONHEÇA A

UNILAGO

infraestrutura completa, diversos cursos em todas as áreas do conhecimento, corpo docente qualificado em uma faculdade.

4

conceito institucional
na última avaliação de
recredenciamento

+60

cursos presenciais
graduação e pós-graduação

+90

laboratórios dentro
ou próximo ao campus



(17) 3354.6001
S. J. DO RIO PRETO - SP

UNIÃO DAS FACULDADES DOS
GRANDES LAGOS
nada supera o conhecimento

conheça nossos cursos
www.unilago.edu.br